



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ

O PEQUENO PRÍNCIPE: DIÁLOGO ENTRE TEXTO ESCRITO E IMAGÉTICO

**MACAPÁ/AMAPÁ
2018**

ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS

O PEQUENO PRÍNCIPE: DIÁLOGO ENTRE TEXTO ESCRITO E IMAGÉTICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá-UNIFAP, para obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais. Sob a orientação do professor Doutor Benedito Rostam da Costa Martins.

MACAPÁ/AMAPÁ
2018

ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS

O PEQUENO PRÍNCIPE: DIÁLOGO ENTRE TEXTO ESCRITO E IMAGÉTICO

Defesa em ___/___/___

Nota obtida: _____

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Rostan Benedito Martins

2º Examinador

3º Examinador

Macapá - AP, _____ de Janeiro de 2018.

Dedico mais essa conquista a minha família pelo amor incondicional com o qual tem me tratado ao longo da minha vida. Obrigada pelo afeto, pelo amor e pela companhia de vida. Ao meu marido pelo apoio e aos meus filhos a quem tanto amo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me guiar por toda vida, pela coragem para desenvolver meus projetos de vida;

Ao meu orientador: Rostan Benedito Martins e a todos os professores do Colegiado do Curso de Artes pelo comprometimento com nossa formação e o conhecimento compartilhado;

A todos que me apoiaram em mais essa caminhada para que eu alcançasse meus objetivos;

Aos professores e alunos da Escola Estadual Jesus de Nazaré por compartilharem suas experiências para o desenvolvimento do meu Projeto de Intervenção.

As imagens constituem a nossa vida, constituem o nosso ser. Estão presentes na paisagem humana e é por meio delas que nós construímos e fazemos nossa história. Estão na origem de nossos pensamentos dando-lhes corpo e alma, nos meios de comunicação, em fontes comerciais ou de entretenimento e nas Artes. Contêm mensagens que podem mudar opiniões. Dizem-nos como devemos comer e nos vestir, nos lembram do padrão ideal de beleza, nos comovem, nos indagam, nos fazem refletir, nos formam enquanto seres humanos inseridos em um mundo social que produz cultura.

(Cunha, 2009, p. 2027).

RESUMO

A leitura é uma ferramenta que desperta e ativa vários conhecimentos e constroem outros, considerando-se a sua dimensão dialógica. Portanto, desenvolver sua prática é princípio fundamental no contexto escolar, podendo essa ser realizada a partir da utilização de vários gêneros textuais, com destaque aqui os textos da literatura infantil, pelo fato de suas narrativas virem sempre acompanhadas de imagem. Sendo as imagens uma ferramenta que possibilita maior entendimento a respeito do texto, bem como mobiliza vários sentimentos e sentidos. Foi com base nessa premissa que se buscou realizar uma prática de intervenção que mostrasse a viabilidade de se usar textos com a imagem como incentivo ao hábito da leitura, tendo como base a obra o Pequeno Príncipe. Dessa forma, estabeleceu-se como objetivo: compreender a relação semiótica da leitura escrita e imagética da obra literária “O Pequeno Príncipe” de autoria de Antoine de Saint Exupéry no ambiente escolar. Essa pesquisa foi orientada a partir da seguinte questão problema: como ocorre a relação semiótica entre o texto escrito e imagético na obra “O Pequeno Príncipe” de autoria original de Antoine de Saint Exupéry? A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas, sendo a primeira de caráter bibliográfico, realizada mediante consultas em livros, revistas online, artigos, periódicos, sendo essa de caráter descritivo. A segunda etapa compreendeu pesquisa de campo, realizada numa escola de ensino fundamental, onde se realizou uma micro análise das representações que os alunos fazem a respeito da relação entre a escrita e a imagem contidas no livro O Pequeno Príncipe, sendo essa etapa da pesquisa fundada nos procedimentos da Semiótica e da Etnografia.

Palavras-Chave: Leitura. Texto Escrito. Texto Imagético. O Pequeno Príncipe. Imaginação

ABSTRACT

Reading is a tool that awakens and activates various knowledge and constructs others, considering its dialogical dimension. Therefore, developing their practice is a fundamental principle in the school context, and this can be done through the use of several textual genres, especially the texts of Children's Literature, because their narratives always come accompanied by an image. Being the images a tool that allows greater understanding about the text, as well as mobilizes several feelings and senses. It was based on this premise that it was sought to carry out an intervention practice that showed the feasibility of using texts with the image as an incentive to the reading habit, based on the work of the Little Prince. Thus, it was established as an objective: to understand the semiotic relation of the written and imaginary reading of the literary work "The Little Prince" by Antoine de Saint Exupéry in the school environment. This research was oriented from the following problem question: how does the semiotic relationship between the written and imaginative text in the work "The Little Prince" by Antoine de Saint Exupéry? The research was developed in two stages, the first of which is a bibliographical one, carried out through consultations in books, online journals, articles, and periodicals, which is a descriptive one. The second stage comprised field research, carried out in a primary school, where a micro analysis of the representations that the students made regarding the relation between the writing and the image contained in the book The Little Prince, being this stage of the research founded in the procedures of Semiotics and Ethnography.

Keywords: Reading. Written Text. Imaginary Text. The little Prince.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Imagem da Capa da obra o Pequeno Príncipe.....	20
Figura 2: Desenho feito pelo aviador (Personagem da obra o Pequeno Príncipe)...	23
Figura 3: Desenho feito pelo aviador (Personagem da obra o Pequeno Príncipe) para explicar o primeiro desenho.....	24
Figura 4: Desenho apresentado pelo Pequeno Príncipe (Personagem da obra o Pequeno Príncipe)	25
Figura 5: Desenho feito pelo Pequeno Príncipe (Personagem da obra o Pequeno Príncipe) explicando como as flores são tratadas no seu planeta.....	26
Figura 6: Nesse desenho mostra-se que no mundo do Pequeno Príncipe as flores são protegidas a uma simples ameaça, com destaque para o tigre.....	27
Figura 7: Desenhos feitos pelo aviador a pedido do pequeno príncipe (Ambos personagens da obra o Pequeno Príncipe de SAINT-EXUPÉRY).....	29
Figura 8: Segundo desenho do carneiro feito pelo aviador (Personagem da obra o Pequeno Príncipe)	29
Figura 9: terceiro desenho do carneiro feito pelo aviador, considerando-se que o segundo fora rejeitado pelo Pequeno Príncipe.....	30
Figura 10: último desenho feito pelo aviador na tentativa de representar um carneiro, numa forma semiótica a imagem foi aceita pelo Pequeno Príncipe.....	30
Figura 11: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre o enredo da obra o Pequeno Príncipe.....	35
Figura 12: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre a importância da Arte na Escola	36
Figura 13: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre uma das passagens da obra o Pequeno Príncipe.....	37
Figura 14: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre uma das passagens da obra o Pequeno Príncipe	39
Figura 15: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre uma das passagens da obra o Pequeno Príncipe	40
Figura 16: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre o que compreendeu da leitura do livro o Pequeno Príncipe	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 LEITURA A PARTIR DO USO DE IMAGEM: uma travessia Semiótica.....	12
1.1 Leitura de Imagem.....	13
1.2 O uso de Imagem na Sala de Aula.....	16
2 O DIÁLOGO NO TEXTO O PEQUENO PRÍNCIPE.....	20
2.1 A Obra O Pequeno Príncipe: do autor e da obra.....	20
2.2 Entendendo as Imagens da obra O Pequeno Príncipe.....	22
3 PRÁTICAS ESCOLARES A PARTIR DO USO DE IMAGENS: uma proposta de intervenção.....	31
3.1 A Escola como Espaço de Leitura.....	31
3.2 Relato de uma Prática com a Leitura da obra O Pequeno Príncipe na Escola Jesus de Nazaré.....	33
3.3 Produção de texto dos alunos a partir da Interpretação das Imagens da Obra.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE – Relatório de Estágio.....	47

INTRODUÇÃO

Muitos são os desafios enfrentados pela escola no que se refere ao processo ensino aprendizagem. Entre esses desafios estão o de desenvolver as competências voltadas para a leitura, considerando-se que a prática dessa modalidade da linguagem tem se tornado um dos principais indicadores dos baixos índices de aprendizagem, o que tem mobilizado professores para a busca de estratégias que possam tornar a prática desta mais eficiente e prazerosa. Nesse caso, muitas estratégias vêm sendo desenvolvidas no sentido de promover a prática de leitura no que concerne ao seu domínio. Propósito esse que tem colocado o ato de ler como uma prioridade.

Tomando como base essa premissa, entre as estratégias utilizadas na promoção do ensino da leitura, destaca-se a linguagem visual como um dos aportes para a aprendizagem da leitura, ideia essa a qual nos filiamos e nos leva a demonstrar essa função através da leitura da imagem, tendo como base a célebre obra literária o Pequeno Príncipe, por apresentar essa um diálogo entre o que escreveu o autor e a representação visual dessas ideias, o que ativa no leitor, vários sentidos e várias interpretações no que diz respeito a ser e estar no mundo, considerando-se que essas imagens apresentadas de forma metafórica demonstram todas as emoções que o autor expõe aos leitores através de sua narrativa fundada num discurso imagético descreve a trajetória da realidade humana, considerando-se como base o comportamento de determinados indivíduos, além de que a escrita leva o leitor a abstrair as cenas, criando também as suas imagens.

Visto sob essa perspectiva esse estudo justifica-se pelo desejo de demonstrar que a linguagem visual transcende ao que se apresenta como imagem, uma vez que são diversos os significados que se produzem a partir dessa, bem como o fato da imagem trazer para uma obra literária maior visibilidade quanto ao que é dito através dessas.

Frente a essa assertiva ressalta-se que essa pesquisa foi orientada a partir da seguinte questão problema: como ocorre a relação semiótica entre o texto escrito e imagético na obra “O Pequeno Príncipe” de autoria original de Antoine de Saint Exupéry?

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo Geral: compreender a relação semiótica da leitura escrita e imagética da obra literária “O Pequeno Príncipe” de autoria de Antoine de Saint Exupéry no ambiente escolar. Esse objetivo desdobrou-

se nos seguintes objetivos específicos: construir conceitualmente a relação semiótica entre texto escrito e imagético do livro: O Pequeno Príncipe; analisar os efeitos da relação entre texto escrito e imagético no ambiente de ensino e aprendizagem; contribuir com a imaginação visual descritiva e real da história da obra “O Pequeno Príncipe”.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de Campo. Sendo a primeira realizada tendo como fonte: artigos, dissertações, livros, revistas online. A segunda etapa realizou-se numa escola de ensino fundamental, através de uma micro análise das representações que os alunos fazem a respeito da relação entre a escrita e a imagem contidas no livro O Pequeno Príncipe, sendo essa etapa da pesquisa fundada nos procedimentos da Semiótica e da Etnografia.

Quanto a estrutura o trabalho está organizado em 3 (três) Capítulos assim delineados:

Primeiro Capítulo: Leitura a partir do uso de imagem: uma travessia semiótica (Apresenta aspectos conceituais acerca da Leitura de Imagem, considerando-se seus aspectos conceituais e históricos e ainda, uma descrição a respeito do uso da imagem na sala de aula, mais especificamente a prática pedagógica).

Segundo Capítulo: O diálogo no texto o Pequeno Príncipe (Descreve-se a obra o Pequeno Príncipe, bem como se apresenta a Biografia do autor da Obra: SAINT-EXUPÉRY. Também se apresenta as imagens que compõem a referida obra).

Terceiro Capítulo: Práticas Escolares a partir do uso de imagens (Nesse Capítulo faz-se uma discussão a respeito da escola como espaço de leitura, além de um relato de uma prática com a leitura da Obra O Pequeno Príncipe e por fim, a produção de texto dos alunos a partir da interpretação da obra o Pequeno Príncipe na escola Jesus de Nazaré).

Buscou-se com esse trabalho demonstrar a importância de se trabalhar os textos escritos associados aos textos imagéticos.

1 LEITURA A PARTIR DO USO DE IMAGEM: uma travessia Semiótica

Em relação à Leitura Mainards (2008) nos coloca frente ao verdadeiro sentido dessa modalidade ao defini-la como uma atividade inerente à condição

humana. Trata-se, portanto, de um mecanismo através da qual se ler o mundo, ideia essa ampliada por Bamberger (1955 p.13 APUD MINARDES 2008, P.2) ao aferir que “a leitura é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem”. É com base nesse pressuposto que se delineia uma abordagem contextual de Leitura, tendo como base os seguintes pontos: a Leitura de Imagem, Leitura Imagética.

1.1 Leitura de Imagem

A Leitura é uma das principais formas de conhecer o que está no mundo, como exemplo, se pode citar que ao longo da história da humanidade, quando o homem produzia imagem para assim representar os diversos aspectos do seu cotidiano e da sociedade da qual faz parte, liam-se as imagens associadas nesse caso, à arte, na sua maioria apresentada através dos desenhos, de pintura, da escultura e da arquitetura (LIMA, 2008).

Tomando como base essa premissa é pertinente o que elucidam Cunha e Fischer (2009, p. 2027) sobre a leitura de imagem: “Lidar com as imagens, lê-las e interpretá-las constrói a cultura visual do indivíduo, bem como a compreensão do mundo e de sua própria existência”.

Vista sob essa perspectiva entende-se que a leitura de imagem traz muitas possibilidades aquele que consegue abstrair os muitos sentidos que por ela passam o que permite aferir que a cultura visual não pode ser deixada de lado nas práticas de leitura, tendo em vista que a leitura ultrapassa o texto escrito e está presente em todas as comunidade letradas, mas deve-se considerar nesse Universo a linguagem visual pois através dessa é possível: “ ampliar o horizonte de leitura do aluno para além do texto escrito sendo esse um desafio necessário aos professores de nossa época”, diz Contessa (2010,p. 8).

Frente a essa assertiva para fundamentar essa discussão acerca da Leitura de Imagem faz-se necessário apresentar um recorte a respeito do que historicamente tem se constituído a linguagem visual, com destaque para a imagem. A priori pontua-se como surgiu a expressão leitura de imagem:

A expressão leitura de imagem começou a circular na área de comunicação e arte no final da década de 1970 com a explosão dos sistemas audiovisuais. Essa tendência viu-se influenciada pelo formalismo, fundamentando na Teoria da Gestalt e pela semiótica. Na Psicologia da forma a imagem se constitui na percepção já que toda experiência estética, seja de produção ou recepção, supõe um processo perceptivo. Essa abordagem entende como uma elaboração ativa, uma complexa experiência que transforma a informação recebida. (SARDELICH, 2006, p.205)

Esse recorte configura ser a Leitura da Imagem uma ferramenta através da qual se tem uma lente que traduz os sentidos propagados por um texto imagético, onde se produzem os mais diversos sentidos sob as mais diversas formas.

Em relação a essa proposição é relevante considerar no cerne dessa discussão a imagem como representação visual e mental, tendo em vista que:

O mundo das imagens se divide em dois domínios. O primeiro é o domínio das imagens como representações visuais: desenhos pinturas gravuras fotografias televisivas, holo e infográficas pertencem a esse domínio. Imagens, nesse sentido são objetos materiais signos que representam o nosso meio visual. O segundo é o domínio imaterial das imagens na nossa mente. Nesse domínio, imagens aparecem como visões, fantasias imaginações, esquemas, modelos ou, em geral como representações mentais. Ambos os domínios da imagem não existem separados, pois estão inextricavelmente ligados já na sua gênese. Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais. (SANTAELLA; NOTH, 1997, p.15)

Diante desse contexto, é relevante destacar que a imagem nesse caso, é um campo da linguagem, que ainda que colocada como não verbal é imperativo dizer que às imagens são formas de representação cujos sentidos são construídos a partir de uma dada gama de significados através da qual se revelam sentidos diferenciados que demarcam muitos territórios: o da existência, das culturas, da história, sendo um conjunto de signos que são visualizados e processados pela mente humana de forma que se fazem representar sobre vários formatos, que se modificam no tempo e no espaço.

Em relação à leitura de imagem há de se ressaltar ainda, que a imagem nesse caso:

Traz em si outros textos, imagens anteriores, imagens já reconhecidas como senso comum, textos escritos, literatura, história e tantos outros meios, se fazem presente no mesmo campo visual, sempre dependentes, é claro, de uma série dominante básica. Determinada imagem é capaz de evocar textos referentes ao mesmo grupo semântico que ela representa, da

mesma forma que textos verbais o fazem. É interessante lembrar que as experiências pessoais interferem nesse canal de referencial já que é a partir delas que o leitor consegue montar seu campo de significação. (CONTESSA, 2010, p. 22):

Essa condição remete ao fato que a imagem configura nesse caso, ser essa um lugar de sentidos, que se modifica a partir de um dado olhar e a visão de um provável leitor. Através dessa se evidenciam vários universos que se transformam ao olhar de cada pessoa. Ao ler uma imagem se ativam vários significados sobre um dado objeto, sobre uma dada história, um contexto, em que são mobilizadas por várias outras imagens que são importadas de outros cenários, de outros textos como muito bem disse Contessa. Trata-se nessa perspectiva, de uma forma de representação que transita entre o abstrato e o concreto, o que a torna uma das principais formas da linguagem visual, cuja leitura perpassa por vários saberes e compreensão de mundo.

Tomando como base essa premissa vale ressaltar a respeito da leitura de imagem que:

Quase tudo do pouco que conhecemos, em relação ao conhecimento produzido, nos chega pelos meios de informação e comunicação. Estes, por sua vez, também constroem imagens do mundo. Imagens para deleitar, entreter, vender, com mensagens sobre o que devemos vestir, comer, aparentar, pensar. Em nossa sociedade contemporânea discute-se a necessidade de uma alfabetização visual que se expressa em várias designações como: leitura de imagens e compreensão crítica da cultura visual. Frequentes mudanças de expressões e conceitos dificultam o entendimento dessas propostas para o currículo escolar, a definição do/a professor/a responsável por tal conhecimento e o referencial teórico do mesmo. (SARDELICH, 2006, P. 203).

A leitura de imagem tornou-se uma exigência à medida que conforme pontuara Sardelich, vivemos rodeados de uma cultura visual, através da qual se busca dar vazão a vários sentidos e mensagens com as mais diversas finalidades, sejam elas para informar, persuadir, expressar sentimentos e representar o que está no mundo. Compreende, portanto ao universo de muitos dizeres e saberes que elevam não só a capacidade humana de criar, mas também de produzir, pois as imagens revelam os vários aspectos polifônicos que se fundem entre o dito e o não dito, sendo a imagem não só um lugar de sentido, mas também de caráter simbólico.

Há de se elucidar nesse contexto que a imagem apresenta dados visuais as quais remetem a várias funções, isto porque:

Pode transmitir informações, mensagens específicas ou sentimentos expressivos, tanto intencionalmente, com um objetivo definido, quanto obliquamente, como um subproduto da utilidade. Uma coisa é certa: no universo dos meios de comunicação visual, inclusive as formas mais casuais e secundárias, algum tipo de informação está presente, tenha ela recebido uma configuração artística, ou seja, ela é resultado de uma produção casual. [...] toda forma visual concebível tem uma capacidade incomparável de informar o observador sobre si mesmo e seu próprio mundo, ou ainda sobre outros tempos e lugares, distantes e desconhecidos. Essa é a característica mais exclusiva e inestimável de uma vasta gama de formatos visuais aparentemente dissociados. (DONDIS, 2015, p.1183-1184):

Diante do exposto, fica evidenciado que a linguagem visual nessa perspectiva, perpassa pela capacidade que tem homem de criar signos a partir de uma demanda social, cultural, linguística, artística e porque não dizer política. Sendo pertinente aferir que à medida que se deu a evolução humana as imagens passaram a ser parte do mundo, bem como de certos contextos de caráter cultural, pois passaram a ser narrativa do mundo à medida que estabelecem diálogos com o mundo, o que equivale dizer que não se trata apenas da representação desse. (CAMARGO, 2007, p.112, APUD LIMA, 2008, P. 4).

Frente a essa proposição é essencial que se diga que ler uma imagem significa estar e conhecer esse mundo representado por essa imagem. É estar em vários lugares levados pelos sentidos que essa carrega. Corresponde enveredar por muitos lugares que se materializam a partir da cultura visual.

1.2 O Uso de Imagem na Salade Aula

Em relação à imagem pode se dizer que além de ocupar um lugar de destaque no campo da Arte, essa tem se tornado uma grande aliada enquanto recurso pedagógico, quando utilizada em determinados gêneros textuais, como fonte de sentido. Essa condição tem dado mais visibilidade ao trabalho com várias possibilidades de estimular o desenvolvimento do hábito da leitura, principalmente no que concerne ao desenvolvimento de competência nesse campo. Sendo essa premissa uma questão que vem de forma bastante significativa ocupando lugar numa vasta literatura, as quais algumas se destacam no bojo desse aporte teórico.

Com base nessa premissa vale ressaltar no campo dessa discussão que:

As imagens são mediadoras de valores culturais e contém metáforas nascidas da necessidade social de construir significados. Reconhecer essas

metáforas e seu valor em diferentes culturas, assim como estabelecer as possibilidades de produzir outras, é uma das finalidades da educação para a compreensão da cultura visual. (HERNANDEZ, 2000, p.1330).

Essa assertiva configura o papel que a imagem assume no âmbito de uma dada cultura, considerando o seu potencial semiótico e discursivo. Assim sendo, é pertinente nesse contexto elucidar ser essa uma forma de representação, cujo sentido se constrói a partir da combinação de uma série de signo. Daí a necessidade de entendê-la como um elemento de mediação, sendo essa parte de uma cultura visual que se busca inserir no ambiente pedagógico, no sentido de dinamizar as práticas de leitura.

Com base nessa assertiva é pertinente destacar que a imagem ativa vários sentidos da mente humana, com destaque para o desenvolvimento cognitivo, quando utilizada como recurso didático pedagógico:

Daí que um primeiro objetivo de uma educação para compreensão da cultura visual, que, além disso, estaria presente em todas as áreas do currículo, seria explorar as representações que os indivíduos, segundo suas características sociais, culturais e históricas, constroem da realidade. Trata-se de compreender o que se representa para compreender as próprias representações. (HERNÁNDEZ, 2000, p. 136)

Diante desse contexto fica evidenciado que a imagem vista sob essa perspectiva configura um recurso de grande potencial para o desenvolvimento da aprendizagem, com destaque aqui para a prática da leitura, sendo nesse caso, considerada uma grande aliada no âmbito desse processo, o que implica aferir que ao dar visibilidade à cultura visual abre-se espaço para a valorização não só da arte, mas aos vários sentidos ativados por uma pintura, por uma dada imagem, tendo em vista ser a imagem lugar de cultura, de histórias que na sua estrutura semiótica revela o ser e o estar de uma dada sociedade. Portanto, trata-se de um recurso que pode ser de grande valia para o desenvolvimento da aprendizagem. Daí ser considerada um recurso didático pedagógico que possibilita o encontro de vários dizeres, saberes e sentidos que se verbalizam num diálogo entre seus respectivos leitores.

Frente a essa assertiva, é importante destacar que existe a prerrogativa no campo da educação, de que na prática pedagógica todas as formas de linguagem devem ser estudadas, sendo a imagem uma das linguagens que deve ser contemplada no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem associado à linguagem verbal.

Diante dessa condição é pertinente ressaltar que nesse contexto a imagem pode se tornar uma importante aliada no processo educativo, tendo em vista que:

[...] As imagens apresentam um caráter intuitivo muito maior do que a linguagem verbal/ escrita, pois elas são mais universais do que as linguagens verbais e sonoras. Assim, a utilização da imagem pode ser útil como um recurso didático, pois esse caráter intuitivo da linguagem visual pode facilitar a aprendizagem dos estudantes. (COSTA, 2005, apud FERREIRA, 2013, p. 19)

Partindo-se desse pressuposto fica subtendido que a imagem é um aporte para que o aluno desenvolva determinadas habilidades no campo do conhecimento, isto porque, há nessa uma carga significativa que demarca o lugar de vários sentidos e discursos, o que revela nesse caso, ser esse resultado de um processo semiótico que se forma a partir da combinação de vários signos, que ativam inúmeras interpretações.

Dessa forma, fica evidenciado que o estudo da imagem, muito embora não seja utilizada com frequência, tem sido referenciada como um recurso importante para o desenvolvimento da leitura.

Diante do exposto, é importante elucidar que o uso de imagem em sala de aula:

Propõe condições que podem favorecer a eficiência didática das imagens como, por exemplo: a imagem melhora seu potencial pedagógico quanto mais complexo é seu conteúdo e sua capacidade de representar o conteúdo com o qual se relaciona. Outro fator observado é que as imagens auxiliam mais em textos complexos do que nos simples. Além disso, as imagens e o texto devem formar um corpo de informação coerente. No caso das informações multimídia, imagem e texto integrados têm maior eficiência do que quando aparecem separados ou somente é apresentado o texto. Assim, é preciso que o autor das imagens (professor ou autor do livro didático) se atente para esses cuidados durante o processo de sua produção para que apresentem um maior potencial pedagógico. (PERALES, 2006, APUD FERREIRA, 2013, 21)

Com base nessa premissa é pertinente pontuar que a imagem através de seu caráter semiótico possibilita os alunos construir inferências para o desenvolvimento da leitura, tendo em vista que traz em seu bojo vários sentidos, que se revelam através das cores e do formato. Essa é uma característica que permite ao interlocutor transitar entre uma dada realidade e várias formas de pensar. Apresenta um misto de signos que se combinam e produzem diversas informações que ativam vários sentidos.

Dessa forma, se trata de formas semióticas que traduzem através de um conjunto de signos que remetem significados que configuram em vários sentidos e vários discursos, que demarcam lugares, memórias e identidades, além de demarcar as fronteiras entre o dito e o não dito. Para tanto, cabe destacar que:

O enfoque semiótico da leitura de imagens vem do conceito de denotação e conotação. A denotação é o significado objetivo da imagem, ou seja, a descrição objetiva do de se vê, como personagens, ações, tempo, espaço, etc. Já a conotação é a apreciação do observador, isto é o que ele entendeu a partir da sua observação, é um entendimento mais subjetivo, pois depende da compreensão que o mesmo faz dos signos contidos na imagem. (LIMA, 2008, P. 9).

Frente a essa assertiva vale elucidar que a imagem enquanto elemento de composição demonstra que é resultado, não só da combinação de signos, mas o lugar aonde se colocam as histórias, as memórias e a cultura visual sob as quais se representam muitos dizeres e porque não dizer muitos sentidos que carregam informações, ideologias. Compreendem as imagens nessa perspectiva ao lugar sob o qual se tem uma arena de sentidos e informações que são transformados em textos aos olhos do leitor, que as interpretam a partir da associação entre vários e inúmeros signos.

Visto sob essa perspectiva, é relevante destacar que o uso de imagem para o desenvolvimento do processo ensino aprendizagem implica:

Quanto ao leitor da imagem, seja ele professor, aluno, ou cidadão comum, é fundamental ter sempre em mente seu papel de enunciatário. Este conceito semiótico resgata o apreciador do texto estético da condição de mero espectador ou fruidor passivo, atribuindo-lhe importância idêntica à que é dada ao enunciador, quer dizer, ao produtor do texto imagético, seja ele publicitário, desenhista industrial, diretor de teatro, dramaturgo ou pintor. Na condição de enunciatário, alunos e professores passarão a ser leitores criativos, pois serão, do mesmo modo que o criador da imagem, produtores de discurso, seja traduzindo o enunciado para o verbal ou mesmo recriando-o em outro [...] [sistema] – visual, musical, audiovisual. Afinal, para a semiótica, a leitura é um ato de linguagem, um ato de produzir significados, do mesmo modo que a produção do texto o é. (OLIVEIRA, 1998, p.218-9).

Trata-se, portanto, de um recurso que não representa apenas uma produção artística, mas os lugares aonde se instauram muitas informações e sentido que dão visibilidade aos pensamentos que circulam na sociedade. Diz respeito nesse caso, a um recurso que mobiliza para vários sentidos e sentimentos que transitam por vários mundos e por várias histórias. Corresponde nesse caso, a um espaço que dialoga

com vários mundos, e porque, não dizer com várias formas de pensar e ver o mundo. Assim sendo, a leitura de imagem permite que se possa compreender o significado de cada imagem a partir das múltiplas leituras que essa possibilita fazer, tal o seu poder enunciatário.

Tomando como base essa premissa vale elucidar que o uso de imagem como recurso pedagógico remete a tornar o ensino da leitura, mais lúdico e produtivo, à medida que frente a uma imagem o aluno ativa inúmeras hipóteses e constrói diversos conhecimentos, além de possibilitar a construção de outros novos conhecimentos, bem como disponibiliza os conhecimentos prévios dos alunos e dos professores, sendo a imagem elemento de mediação entre esses sujeitos e seus mundos.

2 O DIÁLOGO DE TEXTO O PEQUENO PRÍNCIPE

2.1 A obra O Pequeno Príncipe: do autor e da obra

Figura 1: Imagem da Capa da obra o Pequeno Príncipe



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p.1)

O Livro o Pequeno Príncipe é atualmente uma das obras mais lida no mundo. Tem encantado crianças e adultos por se tratar de uma leitura que leva o leitor a muitos cenários e reflexões.

Sobre Antoine Sant – Exupéry, cabe destacar que:

Terceiro filho do casal Jean de Saint-Exupéry e Marie de Foscolombe, Antoine Marie Roger de Saint-Exupéry entra para a história no dia 29 de junho de 1900, na cidade de Lyon, na França. Seu pai pertencia a uma família aristocrática e conservava o título de conde e o prestígio do sobrenome. Contudo, Antoine praticamente conheceu seu pai somente através de fotos, pois ele morreu em 1904 deixando cinco filhos menores que foram criados pela mãe, em Saint-Maurice-de-Remens num castelo que pertencia à tia de Antoine. Aos dez anos de idade Antoine já era aluno semi-interno no colégio Notre-Dame-de-Sainte-Croix e segundo cartas enviadas a sua mãe tinha uma prática religiosa católica: “comunguei esta manhã no colégio”. (FREITAS, 2015, p.14)

Frente a esse recorte vale elucidar que Antoine Sant – Exupéry nasceu numa família de posse, considerada tradicional por ter títulos de nobrezas o que trazia a família certo prestígio e reconhecimento perante a sociedade francesa. Cedo foi para escola o que provavelmente acelerou seu desenvolvimento e o levou a se dedicar aos estudos, pois aos dezessete anos deu início a sua preparação para ingressar na escola Naval através de concursos. Sendo esse chamado em 1921, para o serviço militar em Estrasburgo e, aí tem início sua luta para obter um brevê de piloto civil. Foi assim que pilotar se tornou uma paixão. Contudo, sua vida foi permeada de muitas dificuldades de caráter material e as contra a areia, bem como as trazidas pela solidão, pela injustiça, bem como as geradas pelo homem. Assim foi aos poucos construindo sua personalidade e modo de ver a vida (FREITAS 2015 p.15) a respeito desse ilustre escritor alguns fatos marcantes em sua vida o que influenciou significativa no seu modo de pensar e de viver, com destaque para:

No ano de 1929, Antoine foi designado diretor da Aeropostal Argentina. Inicia aí uma nova jornada importante da sua vida, agora na América do Sul. Dois anos depois ele casou com Consuelo Sucin de San Salvador, na Argentina, viúva do jornalista Gomez Carillo. No mesmo ano, depois de perder o emprego e passar por dificuldades, Saint-Exupéry volta a trabalhar na França. Outro fato que também marcou sua vida foi em 1935, quando ocorreu uma pane em seu avião, no deserto da Líbia e ele foi encontrado somente dois dias depois. (FREITAS, 2015, P. 15).

Estes dois eventos dão vazão a uma série de sentimento que levam Sant-Exupéry a pensar a existência humana e as motivações para aquele mundo devastado pela guerra que trouxe consigo a miséria o desemprego e ainda sérias

mudanças no cenário de muitas cidades e de sua população. Dificuldades essas que ele sentiu na pele. A guerra assolou sua alma. Essa marca o levou a criar seu mundo particular, que ele representou na obra o Pequeno Príncipe. Dessa forma, é importante destacar aqui um breve relese da obra o Pequeno Príncipe, assim resumido:

O livro 'O Pequeno Príncipe' é a história da experiência de um aviador que por causa de uma pane no motor de seu avião, fez um pouso emergencial no meio do deserto do Saara, na África. Depois de adormecer é acordado por um príncipezinho que lhe pede para desenhar um carneiro. Em oito dias de contato com o pequeno príncipe muitas coisas novas e antigas são reveladas ao aviador. Um pequeno menino, que veio de um pequeno planeta distante da terra, saiu em busca de conhecimento para entender e viver melhor com uma rosa que ele achava que era a única no mundo. Os encontros narrados pelo jovem príncipe encantam o aviador. Em cada encontro um novo conhecimento, uma nova pergunta, um novo horizonte era aberto na vida daquele que buscava sentido para a existência. Uma raposa, uma cobra, uma flor, um poço no meio do deserto tudo é motivo de reflexão na história criada por Saint-Exupéry. (FREITAS, 2015, p. 15).

Essa história é contada de forma leve e encantadora aonde Saint- Exupéry transforma o deserto do Saara em um lugar mágico atravessado por várias histórias, que de forma semiótica vai se constituindo em um enredo que se torna palco de muitos sentidos e sentimentos, sendo as imagens o elemento catalisador entre a memória do autor e do personagem chamado Pequeno Príncipe. É a historia de um aviador e, como se intitula o livro de um Pequeno Príncipe.

2.2 Entendendo as Imagens da Obra O Pequeno Príncipe

Trata-se de uma obra através da qual o autor dialoga com as suas inquietações, as quais se revelam nos seus desenhos os quais os sentidos vão sendo construídos ao longo da narrativa, sendo as imagens um lugar de memória e de sentidos. Como um conjunto de signos forma um todo o qual se transformam em desenhos que tomam vida associada à narrativa do texto.

Um dos exemplos é esse desenho feito pelo aviador que ao sofrer um acidente caindo no deserto do Saara, aonde foi surpreendido pelo aparecimento de um garoto que aos poucos o foi conquistando, para o qual contou algumas de suas historias, entre as quais está a ocorrida quando esse tinha 6 anos e fez seu primeiro

desenho. Essa imagem ao ser apresentada gerou várias interpretações as quais se evidenciam inúmeras inferências:

Figura 2: Desenho feito pelo aviador (Personagem da obra o Pequeno Príncipe)

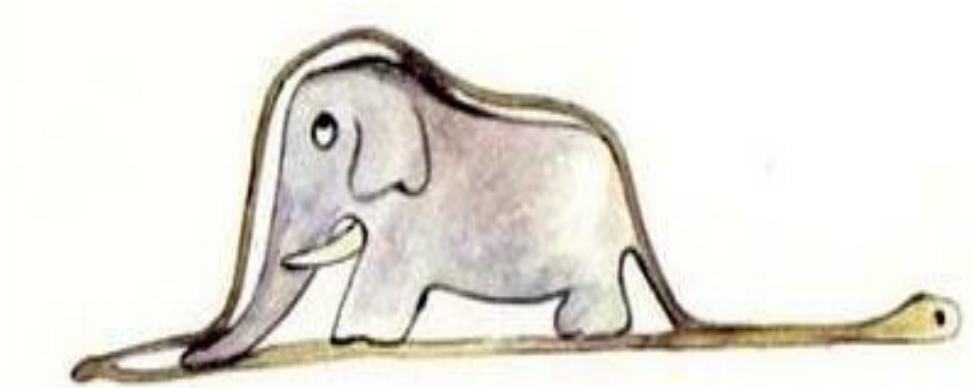


Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 2)

“Certa vez, quando tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, Histórias vividas, uma impressionante gravura. Ela representava uma jiboia engolindo um animal. (...) Dizia o livro: ‘As jiboia engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, não podem mover-se e dormem os seis meses da digestão.’ Refleti muito sobre as aventuras da selva e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. O meu desenho número 1”. (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 10).

Essa imagem de acordo com o aviador configura o que diz seu relato numa inferência ao livro lido na infância, trata-se de uma jiboia que engoliu um animal. Ocorre que esse sentido, só foi ativado por seu autor, pois outros sentidos foram sendo construído ao longo do tempo conforme esse era mostrado às pessoas adultas, perguntava o que significava: as respostas eram as mais inusitadas possíveis: um chapéu foi à resposta dada. Fato esse que levou a produção de um segundo desenho, o qual também não foi identificado de acordo com o sentido do primeiro: a jiboia engolindo um elefante.

Figura 3: Desenho feito pelo aviador (Personagem da obra o Pequeno Príncipe) para explicar o primeiro desenho



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 2)

O não entendimento da imagem revela que essa não é só um agrupamento de cor, de forma, mas existem muitos outros mecanismos que atravessam um dado signo, que perpassam pelo conhecimento que gerou essa imagem, pelas representações de mundo que o produtor dessa imagem faz de si e do mundo.

.Ainda sobre a obra o Pequeno Príncipe destaca-se que:

Antoine de Saint-Exupéry escreveu *O Pequeno Príncipe* durante a segunda guerra mundial, sendo este lançado em 1943 nos Estados Unidos e em 1946, na França. Sua aceitação neste período tem muorrespoito a ver com a temática tratada na obra. O mote desta eram valores humanos universais, como a busca do outro e a amizade. Valores estes abalados pela cultura de guerra vigente. Na França especificamente, as vendas do livro obtiveram bastante êxito, principalmente, por seu autor ter se tornado uma espécie mítica, a do herói de guerra: "O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo. (BAYER, 2014, P.1):

Frente a essa assertiva evidencia-se a interação entre o imaginário do narrador e as inquietações de um personagem (aviador) que se revela na memória afetiva do autor quanto as suas dúvidas, decepções e visão do mundo. Sendo toda essa carga semântica e semiótica revelada nas imagens presentes na obra. Corresponde, portanto, essa narrativa a um pressuposto de que além da guerra civil, outras guerras se travam no interior das sociedades, bem como nas relações pessoais e interpessoais.

Dessa forma, é importante destacar que essa obra o Pequeno Príncipe configura um dos principais aportes para se entender os conflitos que envolvem, não

só a existência humana, mas o amor ao próximo, à amizade. Essa condição remete ao destaque da seguinte fala:

- Há milhões e milhões de anos que as flores fabricam espinhos. Há milhões e milhões de anos que os carneiros as comem, apesar de tudo. E não será sério procurar compreender por que perdem tanto tempo fabricando espinhos inúteis? Não terá importância a guerra dos carneiros e das flores? Não será mais importante que as contas do tal sujeito? E se eu, por minha vez, conheço uma flor única no mundo, que só existe no meu planeta, e que um belo dia um carneirinho pode liquidar num só golpe, sem avaliar o que faz, - isto não tem importância?! (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p.28).

Esse recorte demonstra a atmosfera criada pelo narrador em relação a construir no imaginário do leitor como deveria ser o mundo, se não houvessem as grurras, a desigualdade, o poder de uns sobre o outro. Para tanto, cria um outro planeta, aonde tudo é diferente e mais humano, solidário e mais respeitoso.

Figura 4: Desenho apresentado pelo Pequeno Príncipe (Personagem da obra o Pequeno Príncipe)

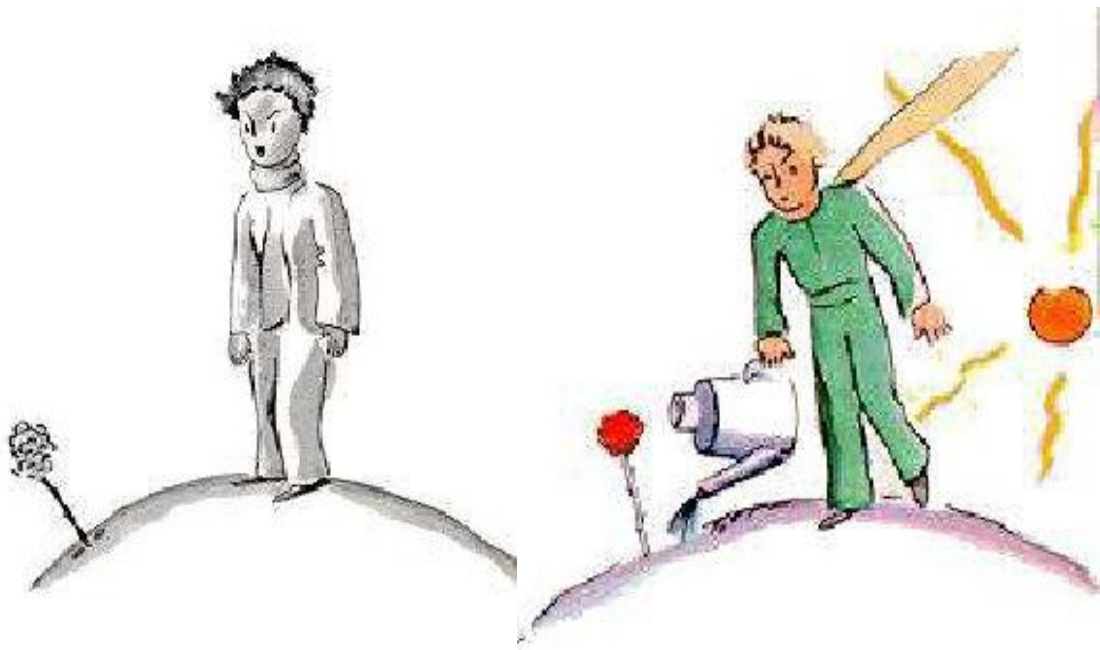


Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 18)

O texto e a imagem confluem para a representação da flor no planeta do narrador, que na visão do Pequeno Príncipe não é valorizada, muito menos cuidada. Além de que o espinho nesse caso passa a configurar como um elemento com valores diferentes em cada um dos lugares. Esse jogo de sentidos remete a uma possibilidade de tornar o texto verbal mais significativo, o que ficou mais visível nas representações imagéticas. Observa-se que os espinhos tem uma função que é, o de proteção, por isso, não pode deixar de ser desconsiderado.

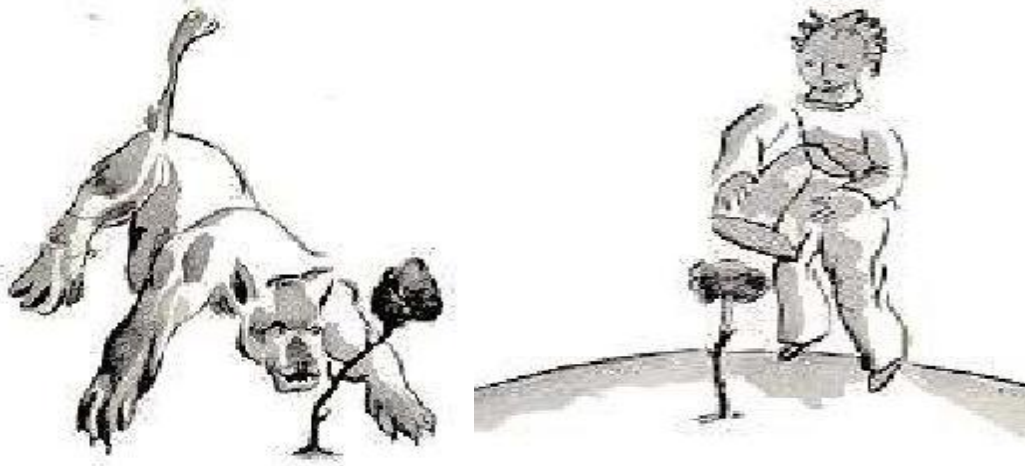
Dessa forma, o texto dialoga com a imagem de forma a dar visibilidade aos sentidos e significados que tem a flor na vida de uma dada sociedade. A partir das imagens há uma ressignificação dessa, como elemento de afeto, de delicadeza. Não configura apenas a um tipo de planta.

Figura 5: Desenho feito pelo Pequeno Príncipe (Personagem da obra o Pequeno Príncipe) explicando como as flores são tratadas no seu planeta.



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 19)

Figura 6: Nesse desenho mostra-se que no mundo do Pequeno Príncipe as flores são protegidas a uma simples ameaça, com destaque para o tigre.



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 20)

O olhar do Pequeno Príncipe e o seu cuidado com a flor revela a chamada de atenção para que se valorize a vida, não importa qual seja ela. É preciso que se proteja a vida no planeta, o que revelam a imagem são atos simples que ajudam a formar a consciência humana.

Nesse caso, é importante ilustrar essa discussão tomando como base o seguinte recorte sobre a leitura de imagem:

Smith (1999) sugere que se evitem as intermináveis discussões semânticas sobre definições de leitura e se pense no processo da leitura. Para ele, os bens simbólicos produzidos pela humanidade são codificados de formas diversas, mas que mantêm uma estreita relação entre si e seexpressam no que se convencionou chamar de “semiose” cultural, essa ampla rede de significações. A recepção desses bens simbólicos pode ser compreendida como leitura, na medida em que todo recorte na rede de significações é considerado um texto. Assim, é possível ler o traçado de uma cidade, um filme, uma coreografia. Imagem e escrita são códigos em constante interação. No sentido de semiose cultural, Freire (1983) já sustentava que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e, nesse caso, toda leitura é influenciada pela experiência de vida do leitor. (SARDELICH, 2006, p.60)

Vista sob essa pesquisa, evidencia-se que a imagem não só ilustram a obra como também trazem os chamados bens simbólicos que circulam no ambiente de muitas sociedades, tendo em vista que geram vários sentidos dependendo da forma comovão sendo decodificados cada símbolo a partir do que expressam, sendo a leitura realizada sob várias perspectivas e sob vários ângulos.

É nesse caso, a imagem um lugar que não só guardam inúmeras informações como também dão vazão a diversos sentidos, que dialogam com outras realidades, outros cenários e outras formas de pensar. A imagem a seguir dá conta dos elementos que constituem esse caráter mediático que tem a imagem.

O diálogo a seguir demarcado pela imagem em destaque demonstra que a relação entre o texto escrito e o texto imagético se conflui para que tomem forma e sentidos:

Na primeira noite adormeci, pois sobre a areia, a milhas e milhas de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que o naufrago numa tábua, perdido no meio do mar. Imaginem então a minha surpresa, quando, ao despertar do dia, uma vozinha estranha me acordou. Dizia:

- Por favor... Desenha-me um carneiro!

- Hem!

- Desenha-me um carneiro...

Pus-me de pé, como atingido por um raio. Esfreguei os olhos. Olhei bem. E vi um pedacinho de gente inteiramente extraordinário, que me considerava com gravidade. Eis melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele.

Meu desenho é, seguramente, muito menos sedutor que o modelo. Não tenho culpa. Fora desencorajado, aos seis anos, da minha carreira de pintor, e só aprendera a desenhar jiboias abertas e fechadas.

Quando pude enfim articular palavra, perguntei-lhe.

- Mas... que fazes aqui?

E ele repetiu-me então, brandamente, como uma coisa muito séria:

- Por favor... Desenha-me um carneiro...

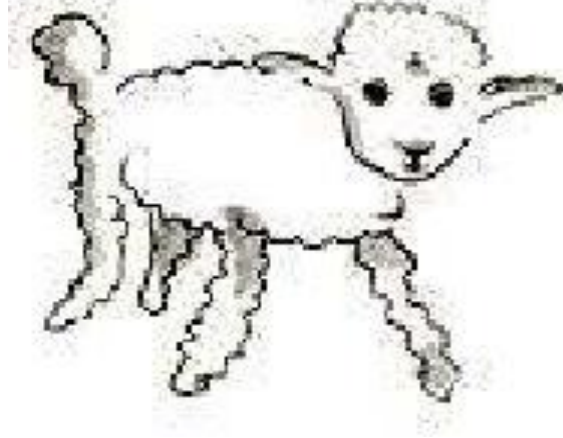
Mas lembrei-me, então, que eu havia estudado de preferência geografia, história, cálculo e gramática, e disse ao garoto (com um pouco de mau humor) que eu não sabia desenhar. Respondeu-me:

- Não tem importância. Desenha-me um carneiro.

Como jamais houvesse desenhado um carneiro, refiz para ele um dos dois únicos desenhos que sabia. O da jiboia fechada. E fiquei estupefato de ouvir o garoto replicar:

- Não! Não! Eu não quero um elefante numa jiboia. A jiboia é perigosa e o elefante toma muito espaço. Tudo é pequeno onde eu moro. Preciso é dum carneiro. Desenha-me um carneiro. Então eu desenhei. (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 4-6)

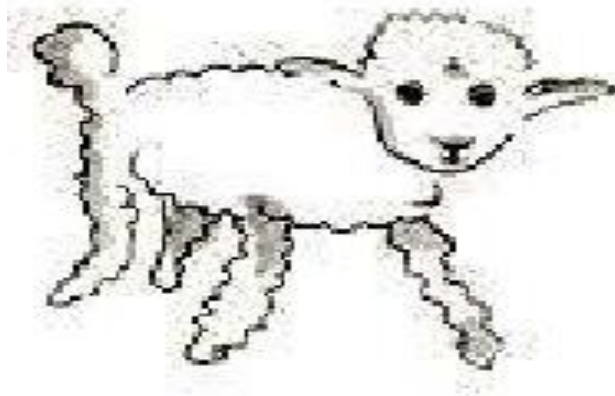
Figura 7: Desenhos feitos pelo aviador a pedido do pequeno príncipe (Ambos personagens da obra o Pequeno Príncipe de SAINT-EXUPÉRY)



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 5)

Olhou atentamente, e disse:
- Não! Esse já está muito doente. Desenha outro.
Desenhei de novo. (SAINT-EXUPÉRY, 1999)

Figura 8: Segundo desenho do carneiro feito pelo aviador (Personagem da obra o Pequeno Príncipe)



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P.5)

Meu amigo sorriu com indulgência:
- Bem vêes que isto não é um carneiro. É um bode... Olha os chifres...
Fiz mais uma vez o desenho. (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p. 5)

Figura 9: terceiro desenho do carneiro feito pelo aviador, considerando-se que o segundo fora rejeitado pelo Pequeno Príncipe



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 6)

Meu amigo sorriu com indulgência:

- Bem vêes que isto não é um carneiro. É um bode... Olha os chifres...

Fiz mais uma vez o desenho.

Mas ele foi recusado como os precedentes:

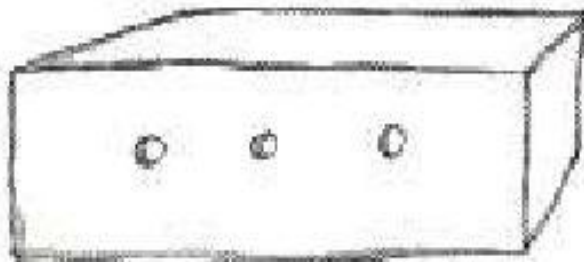
- Este aí é muito velho. Quero um carneiro que viva muito.

Então, perdendo a paciência, como tinha pressa de desmontar o motor, rabisquei o desenho ao lado.

E arrisquei:

- Esta é a caixa. O carneiro está dentro. (SAINT-EXUPÉRY, 1999)

Figura 10: último desenho feito pelo aviador na tentativa de representar um carneiro, numa forma semiótica a imagem foi aceita pelo Pequeno Príncipe.



Fonte: (SAINT-EXUPÉRY, 1999, P. 6)

Mas fiquei surpreso de ver iluminar-se a face do meu pequeno juiz:

- Era assim mesmo que eu queria! Será preciso muito capim para esse carneiro?

- Por quê?

- Porque é muito pequeno onde eu moro...
 - Qualquer coisa chega. Eu te dei um carneirinho de nada!
 Inclinou a cabeça sobre o desenho:
 - Não é tão pequeno assim... Olha! Adormeceu...
 E foi desse modo que eu travei conhecimento, um dia, com o
 pequeno príncipe. (SAINT-EXUPÉRY, 1999, p.5).

Com base nessa narrativa temos um exemplo contundente de como a imagem enriquece o texto escrito através da sua semiose, pois em torno do texto se constrói toda uma rede de sentido, que permite entender as formas de pensar do aviador e o mundo do Pequeno Príncipe, o que de certa forma dá vida a um texto, pois a imagem, seja na sua superfície, seja na sua subjetividade. Há vozes que atravessam os textos escritos e imagéticos. Além que os desenhos nesse caso, a do carneiro vão se reconstituído quanto ao seu sentido e representações.

Nesse sentido, fica evidenciado que a imagem reproduzida no desenho do aviador constitui-se uma das bases para que o texto escrito se firme discursivamente e se torne numa semiose de sentidos e porque não dizer dar a esse um caráter polissêmico, pois geram vários sentidos na visão do Pequeno Príncipe, o que equivale dizer que sobessa ótica perpassa a ideia que o desenho não é só uma estrutura semiótica, mas um lugar de discurso, considerando-se o seu enunciatário, ou seja, o leitor.

3 PRÁTICAS ESCOLARES A PARTIR DO USO DE IMAGENS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

3.1 A Escola como Espaço de Leitura

A leitura é uma exigência que passou a ser um dos principais indicadores para o desenvolvimento, não só da aprendizagem, mas um dos principais instrumentos para o exercício da cidadania, pois através dessa se incorporam diversas práticas e tipos de conhecimento. Contudo, historicamente tem se observado que essa tem sido realizada de forma fragmentada e mecânica, dissociada dos sentidos que o texto produz. Isto porque, os textos trabalhados não eram atrativos para a promoção dessa atividade. Daí a necessidade de se desenvolver estratégias que possam superar essa dicotomia entre teoria e prática, o

que despontou com o uso da Arte como elemento de mediação para a realização da leitura, o que se deve ao fato do seguinte movimento:

Depois das teorias de Ana Mae Barbosa em relação ao ensino da arte, a partir do final da década de 1980, diversas propostas educativas têm surgido no Brasil, a fim de trabalhar a leitura de imagem ou a interpretação e a compreensão da imagem na escola que, por sua vez, também são estendidas aos museus. Dentre as propostas de ensino, destacam-se a de Anamelia Bueno Buoro, de Sandra Regina Ramalho e Oliveira, assim como de Teresinha Franz, que entendem a imagem como um objeto gerador de significados e que, em razão disso, deve ser explorada em todas as suas possibilidades de interpretação e compreensão. (BARBOSA, 2006, P.2)

Assim, fica evidenciado que a proposta de fazer uso da arte como recurso didático pedagógico configura nesse caso, a uma forma de tornar a prática da leitura mais lúdica e mais eficiente. Nesse sentido, a imagem é colocada como uma possibilidade de se otimizar esse processo. A imagem, nesse caso corresponde a uma aliada para que a aprendizagem da leitura, não seja somente uma atividade de decodificação e de memorização, mas de entendimento de uma dada realidade. Para tanto, vale ressaltar que como muito bem preconizou Paulo Freire (2005, p. 20): “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.” Logo, desenvolver o ensino da leitura requer mudança de postura e de metodologia.

É com base nesse pressuposto, que se buscou saber qual o impacto do uso de imagem para o desenvolvimento da leitura. Isto porque, a ela se aliam, muitos saberes e muitos sentidos. Com base nessa premissa não se pode deixar de destacar como esse trabalho com a imagem pode ser realizado a partir dos pressupostos da semiótica.

Nessa perspectiva, destaca-se no cerne dessa discussão que:

A abordagem formalista influenciada pela semiótica enfatiza a leitura da imagem a partir dos seguintes códigos: espacial (o ponto de vista do qual se contempla a realidade, acima/abaixo; esquerda/direita); gestual e cenográfico (sensações que nos produzem os gestos, vestuário, maquiagem, cenário); alumínio (fonte de luz frontal achata as figuras que ganham um aspecto irreal, de cima para baixo acentua os volumes, de baixo para cima produz deformações inquietantes); simbólico (convenções como: pomba simboliza a paz, caveira, a morte); gráfico (as imagens são tomadas de perto, de longe); relacional (relações espaciais). (SARDELICH, 2006, p. 208)

Essa assertiva revela, que a imagem traz consigo uma série de formas, funções e sentidos que demarcam as fronteiras entre o mundo representado e o mundo do leitor, considerando-se o lugar sob o qual o leitor se coloca e infere sobre um dado texto, a partir da associação de imagem. Há de se pensar dessa forma, que cada código ativa uma dada representação, a qual o leitor deve considerar para construir os sentidos que demandam o texto. Sendo a leitura semiótica uma das possibilidades de tornar a aprendizagem da leitura mais sistemática e produtiva.

Sob essa lógica é relevante considerar os pressupostos da Semiótica, tendo como base os seguintes pressupostos:

Um signo, ou representação, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente desta pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto. Representante esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes, dominei fundamento de representação. (PEIRCE, 1999, p. 46):

Essa função permite entender que a imagem representa objetos, sentimentos e sentidos que se formam a partir da combinação de vários signos e elementos que dão forma a vários sentidos e constroem cognitivamente uma cultura visual, através da qual se mobilizam vários conhecimentos e formas de sentidos.

Sob esse olhar é pertinente dizer ainda que utilizar a imagem como recurso para o desenvolvimento da leitura remete nesse caso, a uma prática significativa e porque não dizer, estimular o gosto não só pela leitura, mas também pela Arte.

3.2 Relato de uma Prática com a Leitura da Obra O Pequeno Príncipe na Escola Jesus de Nazaré.

Para o desenvolvimento da prática de intervenção optou-se pela escola Estadual Jesus de Nazaré no sentido de verificar como se dá a receptividade por parte dos alunos nas práticas de leitura envolvendo a história do Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry.

A escola Estadual Jesus de Nazaré pertence à rede pública de ensino do Estado do Amapá. Está localizada na Av^a Princesa Isabel, S/N, Bairro Jesus de Nazaré. Foi criada através da Portaria n^o 0030, de 28 de Janeiro de 1988, da Secretaria de Estado da Educação, sendo essa regulamentada através da

Resolução nº 094 de 18 de Setembro de 2000. A escola oferta o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio regular.

A intervenção foi realizada com uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental na atividade de Estágio Supervisionado.

Aproveitando o trabalho da professora da turma Claudia Guedes sobre um conteúdo do livro didático sob o tema: “A arte indígena”, sugeri um trabalho com a turma a partir do livro O Pequeno Príncipe. Trabalho esse que se realizou em forma de oficina compreendendo as seguintes etapas:

1º Momento: Fez-se uma apresentação da obra O Pequeno Príncipe, bem como de seu autor, buscando motivar o interesse para a leitura da referida obra;

2º Momento: posteriormente, passou-se o Filme adaptado da obra O Pequeno Príncipe, o que permitiu os alunos conhecerem a história desse, para que assim, pudessem ler a obra.

3º Momento: distribuíram-se aos alunos alguns trechos da Obra O Pequeno Príncipe para que esses fizessem a leitura e posteriormente, respondessem alguns questionamentos, feitos pelo personagem do Pequeno Príncipe.

4º Momento: A partir da Leitura e de terem assistido ao filme solicitou-se aos alunos que produzissem textos sobre as temáticas abordadas na obra, bem como reproduzissem alguns dos desenhos contidos na obra.

3.3 Produção de textos dos alunos a partir da Interpretação das Imagens da obra O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry

A culminância da prática de intervenção culminou com a realização de produção de textos, as quais se realizaram através de textos escritos e textos imagéticos, os quais se destacam alguns com suas respectivas análises sobre os significados construídos.

Figura 11: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre o enredo da obra o Pequeno Príncipe

Artes 611 / /

O video que professora passou eu entendi que conta as histórias do Pequeno príncipe em musica e algumas mais imagens.

Reverso escrito

Fonte: Alunos do 6º da escola Jesus de Nazaré - 2017

Esse primeiro texto remete ao resultado da Leitura que o aluno fez a partir do contato com trechos da obra O Pequeno Príncipe, pois esse destaca do que trata a obra, bem como identifica a tipologia do texto ao dizer que conta a história do Pequeno Príncipe, além que destaca a presença da imagem, o que demonstra que quando o texto se verbaliza também através de imagem a leitura de uma dada obra, tem mais chance de acontecer.

Frente a essa atividade pode-se perceber que ao se trabalhar a leitura tendo como referência obra que associa escrita e imagem possibilita-se construir inferências para a realização de uma leitura mais crítica sobre o conteúdo do texto.

Sobre essa condição vale destacar no bojo dessa discussão os pressupostos de Guimarães (2010, p. 170): “Refletir sobre a escritura imagética é um caminho de reflexão crítica em uma sociedade de desenvolver a leitura imagética, porquanto construção e representação sociocultural em muito se revelam no universo das imagens”. Para tanto, o trabalho com textos ilustrados permite o aluno avançar na leitura.

Figura 12: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre a importância da Arte na Escola

18 / 10 / 17 //

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

Arte

Ana Paula .

Cultura para mim é comida, culinária, modo de vestir, dança, e etc.

Arte para mim não é só pintar ou desenhar mais sim pesquisar histórias antigas e muito mais pelo a arte tipo teatro e como arte eu já vi e vi um teatro sobre a bruno de mero

Obs: Gostei muito dos 2 dias que você passou aqui com gente desculpa os meninos e as meninas também foi muito top sei que vai ver a história de Pequeno Príncipe de outro jeito =

Fonte: Alunos do 6º da escola Jesus de Nazaré - 2017

Nesse texto, o aluno transporta para o texto sua satisfação para com o trabalho realizado durante a fase de intervenção, o que reafirma a ideia que os alunos gostam de ler, quando se trabalha a leitura de forma lúdica e prazerosa, condição essa que chama atenção dos alunos à medida que mobiliza seu interesse, o que se evidencia quando esse fala que amou ver a história do Pequeno Príncipe. Essa é uma prerrogativa que a leitura imagética gera no aluno: maior disponibilidade para ler um texto e conduz o professor a promover uma prática significativa, o que sugere:

Quanto ao leitor da imagem, seja ele professor, aluno, ou cidadão comum, é fundamental ter sempre em mente seu papel de enunciatário. Este conceito semiótico resgata o apreciador do texto estético da condição de mero espectador ou fruidor passivo, atribuindo-lhe importância idêntica à que é dada ao enunciador, quer dizer, ao produtor do texto imagético, seja ele publicitário, desenhista industrial, diretor de teatro, dramaturgo ou pintor. Na condição de enunciatário, alunos e professores passarão a ser leitores criativos, pois serão, do mesmo modo que o criador da imagem, produtores de discurso, seja traduzindo o enunciado para o verbal ou mesmo recriando-o em outro [...] [sistema] – visual, musical, audiovisual. Afinal,

para a semiótica, a leitura é um ato de linguagem, um ato de produzir significados, do mesmo modo que a produção do texto o é. (OLIVEIRA, 1998, p.218-9).

Vista sob essa perspectiva fica evidenciado que a imagem configura assim, um elemento importante para a aprendizagem e ensino da leitura. Além que torna o aluno sujeito desse processo à medida que proporciona o aluno a enveredar por vários caminhos e fazer inúmeros percursos até chega à mensagem que o texto passa através dos elementos que o compõem.

Com base nessa assertiva entende-se que para formar leitores o professor precisa diversificar os recursos para trabalhar as práticas de leitura, bem como utilizar todas as formas de linguagem, para assim despertar no aluno o gosto pela leitura.

Figura 13: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre uma das passagens da obra o Pequeno Príncipe



Fonte: Alunos do 6º da escola Jesus de Nazaré - 2017

Também a partir da leitura dos trechos da obra o Pequeno Príncipe solicitou-se aos alunos que produzissem um texto constituído de imagem, mas que

reproduzam as passagens da narrativa que mais chamaram sua atenção, sendo a gravura acima o texto produzido por um dos alunos.

Assim sendo, é importante elucidar que cada desenho traz um momento da obra o Pequeno Príncipe, o que configura nesse caso, aferir que o leitor coloca cada elemento como uma forma de representar o lugar da escrita. Sendo o globo a representação do mundo do Pequeno Príncipe, ou seja, revela-se a imagem o lugar sob o qual ocorre a história. Sendo essa uma das características da referida obra.

Saint-Exupéry trabalha bastante em sua obra a questão imagética, fazendo com que os pequenos leitores viagem no mundo do pequeno príncipe. O lúdico no livro *O Pequeno Príncipe* nos faz refletir acerca de nossos. A representação do pequeno e restrito asteroide do pequeno príncipe trata-se da metáfora da nossa visão crédula e rápida do mundo adulto e dos homens; neles falta o que no mundo ingênuo é abundante: imaginação, paixão, intuição e vínculos sinceros.(AMARAL, 2013, p. 12).

Entende-se assim, que a leitura da Obras como o Pequeno Príncipe permite nesse caso, desenvolver não só o gosto pela leitura como favorece a aprendizagem da leitura em todos os campos e em todas as suas modalidades. Permite ainda, reconstruir as memórias existentes no âmbito do texto, bem como a intenção do autor em abordar uma dada temática. Também não se pode deixar de elucidar o fato de que o autor trabalha como uma característica básica das crianças e adolescentes: a curiosidade, sendo os questionamentos do Pequeno Príncipe uma forma de adentrar nesse universo.

Nesse sentido, é importante destacar que a leitura imagética coloca o leitor frente a inúmeras interpretações, o que de certa forma, remete a ideia de que existe nessa obra uma semiose de elementos que levam as leitoras para vários lugares e a inúmeros questionamentos, mobilizadas através de uma dada realidade.

Figura 14: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre uma das passagens da obra o Pequeno Príncipe



Fonte: Alunos do 6º da escola Jesus de Nazaré - 2017

Essa produção dos alunos dá conta que esse fez uma cartasse do texto através da qual vai da superfície de dados signos que se associam a outros e formam uma unidade de sentido, que se compreende claramente quando se leu o livro. Ressalta-se assim, que essa é uma atividade que o professor pode explorar em outras atividades como forma de incentivar o hábito da leitura e desenvolver competências no campo da interpretação, o que se torna mais produtivo quando se traz para a prática escolar textos como o Pequeno Príncipe.

Partindo desse pressuposto essa condição pode ser explicada a partir da seguinte questão:

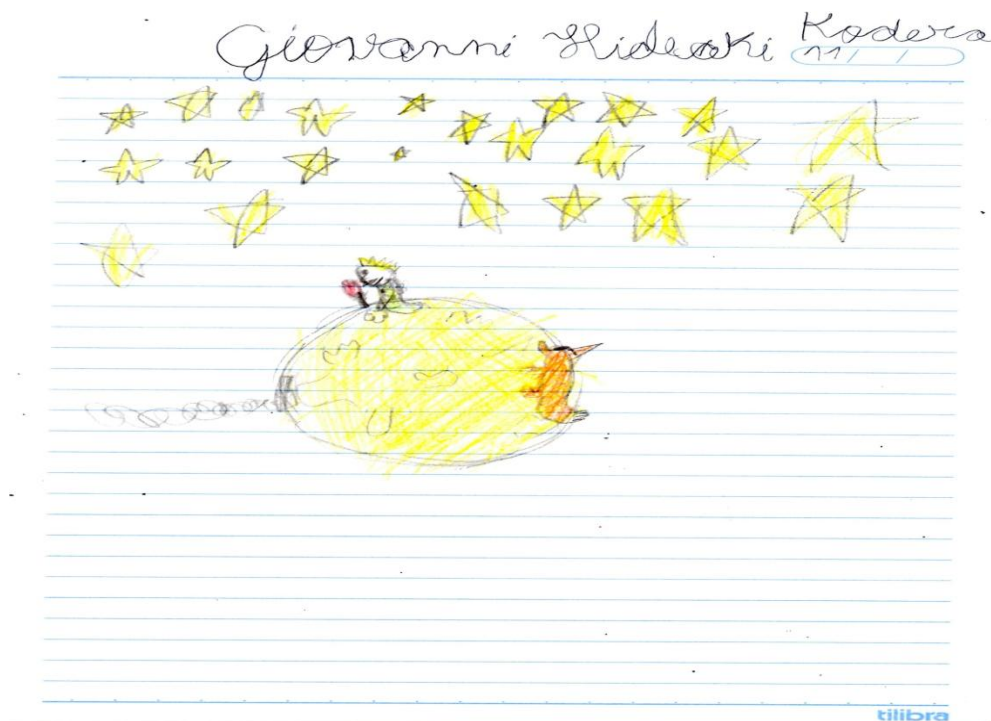
Ao mesmo tempo em que não existe uma norma, também é preciso entender que o processo de ler imagens depende de vários fatores, entre eles culturais, psicológicos, ambientais, etc. Mas alguns elementos básicos da visualidade como: cor, textura, proporção, forma, movimento, entre outros "a partir deles, obtemos matéria – prima para todos os níveis de

inteligência visual, e também a partir deles que se planejam e expressam todas as variedades de manifestações visuais, objetos, ambientes e experiências (DONDIS, 1991, p.23).

Assim, ao se analisar a produção do aluno verifica-se que existe uma retextualização da obra, tendo em vista que cada desenho contém uma inferência a um dado momento da narrativa. Assim sendo, fica subtendido que ao ler um texto com imagem, muitos sentidos e muitos valores são construídos, pois a cultura visual não é só a combinação de traços de imagem, ela é uma rede de sentido.

Para entender melhor o papel da imagem deve-se buscar nelas a sua essência, o seu lugar de produção, bem como os signos que a compõem, pois conforme observado no desenho acima, cada imagem representa resultado da interpretação feita pelos alunos a respeito da obra, bem como a forma como essa foi resignificada pelo olhar e ouvir desses.

Figura 15: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre uma das passagens da obra o Pequeno Príncipe



Fonte: Alunos do 6º da escola Jesus de Nazaré - 2017

Essa imagem traz uma das passagens mais significativa que diz respeito às muitas estrelas existente no mundo do Pequeno Príncipe e a luz que ela traz a vida

no planeta. Brilho esse que o aluno faz questão de mostrar ao utilizar uma cor que simboliza brilho, que é o amarelo. A ideia é demonstrar que as estrelas são verdadeiros tesouros. Corresponde essa imagem que traz magnitude ao planeta e a vida nele existente.

Esse recorte coloca em evidência a fala do avião para o Pequeno Príncipe a respeito das estrelas. Corresponde ao valor dessas determinados lugares, não se trata apenas de um ponto luminoso no céu. E que elas não correm risco de desaparecer. As estrelas revelam-se assim, uma espécie de luz, de guia.

As pessoas veem estrelas de maneiras diferentes. Para aquelas que viajam, as estrelas são guias. Para outros, elas não passam de pequenas luzes. Para os sábios, elas são problemas. Para o empresário, eram ouro. Mas todas essas estrelas se calam. Tu, porém, terás estrelas como ninguém nunca as teve. (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 57).

O desenho do aluno traz a verbalização desse trecho do texto, bem como enfatiza o valor das estrelas de forma que esse traz uma releitura dessa fala. Assim sendo, pode-se dizer que as imagens denotam nesse caso, uma correspondência entre o dito e o não dito. Numa articulação entre os vários símbolos imagéticos e o texto escrito. Essa é uma das premissas que demarcam o território da linguagem que se materializa sob várias formas e vários signos.

Essa relação entre o texto escrito e o texto imagético perpassa nesse caso, pelas representações e sentidos que ele traz o que equivale dizer que está situado nesse toda uma dinâmica que envolve o lugar de onde se fala, a formação discursiva do autor e do ponto de vista semiótico o desenho guarda traços que configuram vários sentidos.

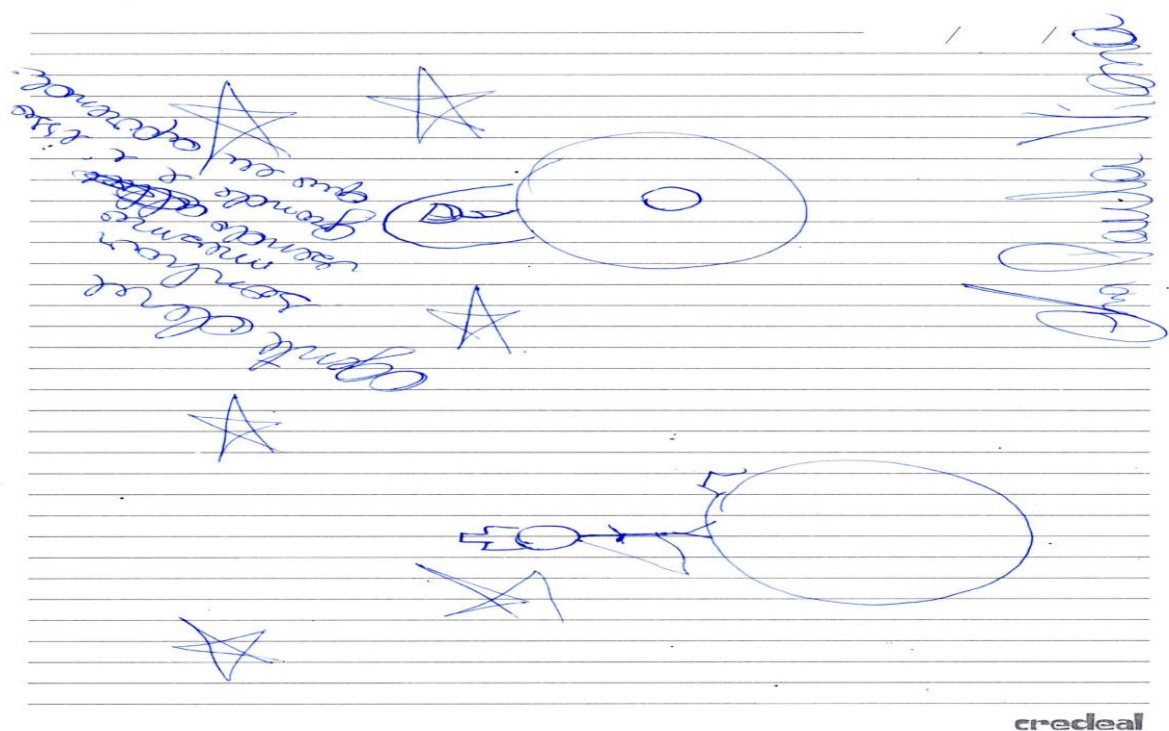
Destarte, vale destacar que o texto escrito emerge a uma imagem, por sua vez uma imagem remete a um texto escrito, ou seja, a uma gama de significado.

Na medida em que o homem evoluiu entende-se que as imagens fazem parte do mundo e também de determinados contextos culturais, sendo assim as diferentes maneiras de interpretá-lo a partir de diversos pontos de vista são também formas de construirmos imagens mentais. Portanto “as imagens passaram a ser narrativa do mundo, estabelecendo diálogos com” o mundo e não serem apenas representações dele. (CAMARGO, 2007, p.112).

Diante do exposto, vale elucidar que a relação entre imagem e texto escrito se inter-relaciona na produção de sentidos. Assim sendo, fica evidenciado que a

Linguagem se produz sob várias formas e usos. Logo, esse diálogo é revisitado pelo aluno através de seu desenho, pois perfaz o caminho da narrativa conforme a sua interpretação. Essa condição se revela nos traços do desenho e no que eles representam. Para tanto, vale então elucidar que trabalhar com textos imagéticos possibilita uma maior interação com o universo da escrita, tendo em vista que através da imagem se dialoga com a realidade.

Figura 16: Texto Produzido por aluno do 6º ano sobre o que compreendeu da leitura do livro o Pequeno Príncipe



Fonte: Alunos do 6º da escola Jesus de Nazaré - 2017

Por fim, um texto produzido pelo aluno que ilustra claramente a temática discutida no âmbito desse trabalho: **diálogo entre texto escrito e imagético**. Demonstra-se nesse caso, que o texto ativou ao aluno através dessa associação melhor compreensão do texto. Assim sendo, fica evidenciado que os textos com imagem favorecem a prática da leitura e da escrita à medida que permite ampliar o universo do leitor, bem como circular em muitos lugares, muitas culturas e porque não dizer por muitas Histórias, ideia essa que se firma no trecho do texto quando o aluno diz sobre a leitura da obra o Pequeno Príncipe: “a gente deve sonhar mesmo

sendo grande e é isso que eu aprendi”. Essa compreensão é resultado de como a imagem amplia o sentido de um texto, bem como demarca seu território discursivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir o diálogo entre texto escrito e texto imagético demonstrou as inúmeras possibilidades de se desenvolver práticas de leitura na escola, considerando-se que essa é uma das premissas que tem sido difundida como forma de desenvolver uma proposta de se trabalhar com textos que associam: escrita e textos imagéticos.

Partindo-se desse pressuposto realizar uma prática de intervenção nos possibilitou agregar a ideia que por muito tempo se privilegiou o texto escrito, salvo na educação infantil, que faz uso efetivos contos de Fada para o desenvolvimento da leitura, prática essa que deixa de ser frequente quando os alunos chegam ao 6º ano de ensino e se abandona o uso de textos escritos imagéticos.

Nesse sentido, é relevante destacar a importância que tem incentivar a aprendizagem da leitura de forma lúdica e prazerosa, tendo como base obras como o Pequeno Príncipe, pois ela leva seu leitor a transitar entre dois mundos, aonde os valores são diferentes, se valoriza a vida que há no mundo, tornando-a única, ideia essa que se evidencia na passagem que fala da rosa, a qual o Príncipezinho tinha maior cuidado, por achar que nos outros planetas não existiam outras iguais. Mostra o texto que não importa a natureza das coisas das pessoas, muito menos a quantidade, o que importa nesse caso, é o sentimento que podemos agregar a sua existência.

Também com a realização dessa pesquisa é relevante destacar que associar escrita e imagem permite oportunizar os alunos a interagirem com várias realidades, várias culturas e porque não dizer outros mundos. Assim sendo, a Literatura consultada aponta para a necessidade de se desenvolver a leitura imagética como forma de aperfeiçoar o processo ensino e aprendizagem.

Através da intervenção pode-se constatar que os alunos são receptivos no que tange as práticas de leitura a partir de textos escritos associados à imagem, o que nos remete a ideia de que apresentam resistência a ela, quando os recursos utilizados não permitem que esse interaja de forma plena com aquilo que lê.

Nesse contexto, é importante destacar ainda, que a partir da leitura de obras como o Pequeno Príncipe fica evidenciada que nessa dimensão de sentidos, valores podem ser apreendidos quando a leitura se torna prazerosa.

A pesquisa feita através da consulta bibliográfica permitiu ainda, desmistificar o sentido de imagem, que por muito tempo foi vista apenas como a reprodução de um lugar, de um objeto, de coisas, ou seja, de estar no lugar desses. Essa concepção, aos poucos vem sendo superada, tendo em vista que os textos imagéticos circulam por todos os espaços, pois desde a antiguidade já se utilizavam os desenhos como meio de comunicação, bem antes que do surgimento do sistema de escrita alfabética.

É imperativo aferir que foi com a circulação de imagens que muitas histórias puderam ser constituídas. Através das imagens se pode descrever muitos ambientes, situando-os no tempo e no espaço. Sendo essa, portanto, na sua semiose: lugar de memória, de identidade e de discurso, não somente um conjunto de signos na composição de um quadro, de uma fotografia ou de uma obra de Arte.

A leitura da Obra o Pequeno Príncipe revelou-se um mecanismo de grande contribuição para com o trabalho de incentivo a leitura, tendo em vista que os alunos conseguiram produzir textos escritos e imagéticos a partir da leitura realizada, além de levá-los a consciência da importância da leitura para sua aprendizagem, bem como colocá-lo em contato com vários personagens e formas de linguagens. Assim, fica evidenciado que quando o aluno lê um texto que privilegia apenas a linguagem escrita este fica limitado apenas ao que é dito, sem poder inferir outros sentidos.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Salustino Alex Ferreira do. **Reconstruindo histórias no imaginário infantil: uma experiência lúdica com a obra o Pequeno Príncipe.** Universidade Federal da Paraíba. Araruna, 2013.
- BAYER, Anna Carolina Batista. **O Pequeno Príncipe: os valores consumidos através de objetos.** Universidade Federal do Rio de Janeiro. PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2014 (8a10 de outubro 2014).
- BARBOSA, Maria Helena Rosa. **Leitura de imagens e o ensino da arte: Considerações em educação não formal – em museus.** Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, no ano de 2006.
- CAMARGO, Isaac A. **Um Recorte Semiótico na Produção de Sentido: Imagem em Mídia Impressa.** Domínios da Imagem. Londrina, n. 1, p. 111-118, Nov. 2007.
- CONTESSA, Daniele Fraga. **Leitura: imagem e texto na sala de aula.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual.** São Paulo; Martins Fontes, 1991.
- FERREIRA, Gustavo Bizarria Gibin e Luiz Henrique. **Avaliação dos Estudantes sobre o Uso de Imagens como Recurso Auxiliar.** Vol. 35, Nº 1, p. 19-26, FEVEREIRO 2013
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 46.ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 20.
- FREITAS, Mauro Ricardo de. **Uma abordagem filosófica da obra O pequeno príncipe de Saint-Exupéry.** Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre. Volume VII – Número 17 – Ano 2015
- GUIMARÃES, Alexandre Huandy Torres. **Fotografia. Escrita e Representação Imagética.** In FERREIRA, D.M.M; Milani, Eduardo Hoffling e Martins. Silva Cristina. Cópia C.S, Silveira, Isabel Oreste, Minar. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2010.
- HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.** Tradução – Jussara Haubert Rodrigues – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- LIMA, Cristiane Rodrigues de Lima. **O uso da leitura de imagens como instrumentopara a alfabetização visual.** PDE-Programa de Desenvolvimento Educacional- da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2008.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de. As semioses pictóricas. *In*: OLIVEIRA, Ana Cláudia de. (Org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker, 2004.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva. 1999.

SARDELICH, Maria Emília. **.Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa**. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Editora Agir. 48 ed. Rio de Janeiro, 2009.

APÊNDICE – RELATÓRIO DE ESTÁGIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO ARTES VISUAIS

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA: ENSINO
FUNDAMENTAL II**

ESCOLA ESTADUAL JESUS DE NAZARÉ

MACAPÁ
2017

ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS

**RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA: ENSINO
FUNDAMENTAL II**

ESCOLA ESTADUAL JESUS DE NAZARÉ

Relatório de Estágio Supervisionado II apresentado como requisito para aprovação na disciplina Estágio Docente, Curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá. Ministrado pelos professores, José de Vasconcelos Silva e Silvia Carla Marques Costa.

MACAPÁ

2017

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 REFERENCIAL TEÓRICO	5
2 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLA	7
2.1 Breve Histórico da Escola Estadual Jesus de Nazaré.....	7
2.2 O Ensino Fundamental II.....	8
2.3 O sexto (6º) Ano de Ensino.....	8
3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO	8
3.1 Observação na sala de aula.....	8
3.2 A Regência.....	9
CONSIDERAÇÕES FINAIS	10
REFERÊNCIAS	11
APÊNDICE – A: Folder (1ª Regência).....	12
APÊNDICE – B: Slides (2ª Regência).....	13
APÊNDICE – C: Plano de Aula.....	18
APÊNDICE – D: Fotos da Regência.....	19
ANEXO – A: Plano de Estágio.....	20
ANEXO – B: Formulário de Avaliação (1).....	21
ANEXO – C: Formulário de Avaliação (2).....	23
ANEXO – D: Histórico da Escola.....	25
ANEXO – E: Matriz Curricular.....	27

INTRODUÇÃO

O presente relatório buscou ampliar o conhecimento sobre o espaço educacional da Escola Estadual Jesus de Nazaré, dentre os aspectos da pesquisa, em atenção à relação e a ação da experiência docente, ou seja, a fim de conhecer e compreender o contexto escolar no parâmetro desenvolvido na Educação Básica no Ensino Fundamental II. A escola é uma instituição renomada, tradicional e de fácil localização sendo um espaço de participação, inclusão e com vistas a acessibilidade. A mesma apresenta dentre seus aspectos estruturais que, atende a demanda da comunidade escolar e assim oferta um bom espaço pedagógico de trabalho e para convivências contemplando e fornecendo comodidade para o ensino.

Desta forma, o ensino desenvolvido no 6º ano no fundamental II amplia o ensino dos alunos com os saberes do ensino regular somados aos saberes culturais que proporciona aos alunos um conhecimento diversificado para a promoção e desenvolvimento pessoal, assim para o autor José Libâneo (1994) “A escola é um local de aprendizagem onde são organizadas as condições específicas para a transmissão e assimilação de conhecimentos e habilidades”. (LIBÂNEO, 1994, p. 82)

A educação requer novas posições sociais, ou seja, compreender o outro, por isso que é importante aderir a mudanças sem se prender a preconceitos, visando sempre o respeito e promovendo o ensino. Com o intuito de observar a interação entre os indivíduos que se processa na escola, principalmente dentro da sala de aula com o foco a viabilizar possibilidades entre as situações diversas entre os comportamentos, e assim objetivando as dinâmicas de contato e estratégias para o ensino valorizando a socialização no espaço dentro da sala de aula e também no cenário escolar.

O estágio supervisionado visa à construção de experiências significativas de aprendizagens mediante aos relacionamentos observados e evidenciados dentre a teoria e a prática de acordo a situações reais no âmbito do ensino apresentado e vivenciado na escola. Evidencia-se, portanto, que a escola é o local social onde se aprende com o outro constantemente, através da observação, dos relacionamentos, da troca de conhecimentos, de experiências, dos valores e de vivências culturais manifestadas e percebidas através dos indivíduos no processo de ensino e aprendizagem.

1 REFERÊNCIAL TEÓRICO

A formação docente é um processo pelo qual o acadêmico percebe, observa e aprende continuamente mediante as trocas e diante as relações no âmbito escolar. Desse modo, cabe ao professor desenvolver e aplicar suas técnicas concebidas durante sua formação e, principalmente perceber e entender o seu local de trabalho para assim exercer e atuar suas práticas de aula.

Para (Moreira e Candau, 2007):

Se o(a) professor(a) entende como o conhecimento escolar se produz, saberá melhor distinguir em que momento os mecanismos implicados nessa produção estão favorecendo ou travancando o trabalho docente. Em outras palavras, a compreensão do processo de construção do conhecimento escolar facilita ao professor uma maior compreensão do próprio processo pedagógico, o que pode estimular novas abordagens, na tentativa tanto de bem selecionar e organizar os conhecimentos quanto de conferir uma orientação cultural ao currículo. (MOREIRA e CANDAU, 2007, p. 25).

De acordo ao MEC e a Secretária de Educação Básica, (Moreira, 2007):

O conhecimento, a cultura, a formação, a diversidade, o processo de ensino-aprendizagem e a avaliação, os valores e a cultura escolar e docente, a organização dos tempos e espaços em um novo referente de valor: É referente ético do direito à educação. (MOREIRA, 2007, p. 12).

Vale ressaltar que o indivíduo deve acompanhar e se adequar de maneira dialética das transformações sociais, e principalmente, a respeito da relação entre pessoas e seus respectivos comportamentos que afetam diretamente em seu jeito de ser e de viver dentro da escola e, conseqüentemente na sociedade. Para tanto, a forma como a escola lida com a diversidade no seu cotidiano, no seu currículo, nas suas práticas faz parte de um contexto amplo que prima pelo ensino com qualidade, tem a ver com as estratégias, ou seja, as metodologias de ensino com a intenção de proporcionar na relação professor e aluno o aprendizado através da atuação docente.

Para tanto, concordando com (Moreira e Candau, 2007):

O papel do educador no processo curricularé, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula. (MOREIRA e CANDAU, 2007, p. 19).

Desse modo, recai grande responsabilidade no trabalho do professor na sala de aula em tratar de diversas questões atuais e emergentes, as quais: ligadas as

classes sociais, gênero, raça e a sexualidade junto aos seus alunos. Portanto, cabe ao professor não se acomodar e assim, tomar consciência de seu papel e da importância de atuar como um facilitador, propositor e de se tornar um mediador na relação com os alunos, devendo adotar, então, uma postura reflexiva em sua atuação.

Isto confirma a importante tarefa de saber observar e aprender com o outro, ou seja, socializar no espaço cedido pelo outro, de certa forma num espaço de trabalho onde existem diferenciados tipos de identidades e distintas realidades de vida que se concentram diante aos acontecimentos cotidianos, e principalmente, irão colaborar para promover um aprendizado mútuo entre as relações dentro da escola.

Deste modo, é louvável afirmar que o Estágio Supervisionado na escola contribui para a compreensão e respectivamente para a formação docente, remete ao estagiário muitas situações em contato com a escola, assim, ele presencia os acontecimentos e isso permite a construção do conhecimento para a futura profissão no espaço educacional.

Entender e compreender a prática docente é estabelecer experiências e situações em comum entre os relacionamentos no processo de ensino na relação professor e aluno. Assim é evidente compreender e dar importância ao diálogo na relação pedagógica, é ter atenção a metodologia desenvolvida e aplicada em relação a disciplina a ser ministrada para os alunos e conhecer de modo amplo o conceito de direção de classe para a atuação docente na sala de aula.

A aula é um evento que se constrói por uma metodologia. O significado de uma aula, é aquilo que o aluno leva consigo para a vida, advém do método que define o evento, não somente em sua ordenação, mas principalmente enquanto realização potencial para o conhecer. Os métodos não são únicos, e parte do professor agir e definir o método que guiará sua aula, sendo assim, a aula será um constante exercício para o professor de modo diário, um processo de trocas rumo ao aprendizado sobre a vida e o mundo.

O Estágio em Docência transmite grande contribuição de conhecimento no campo escolar sendo um assunto de tão relevante importância para todos que estão envolvidos com a educação. Por isso que é importante conhecer e sentir o espaço dentro da sala de aula. Dessa forma, constata-se que a experiência do estágio é

essencial para que o estagiário compreenda onde irá trabalhar em seu futuro espaço de serviço. As relações e os contatos dentro da escola revelam um cenário social diversificado e dialético onde se misturam várias identidades e diversas diferenças onde o educador precisa saber trabalhar e socializar a fim de amenizar os conflitos e principalmente, para promover e desenvolver o ensino compartilhando assim, os valores, o respeito e o conhecimento fazendo a inclusão e a interação entre todos.

A experiência do estágio reflete em como o professor, basicamente, deve se desenvolver na profissão a partir de boas expectativas e sempre voltadas a atender as necessidades e situações que envolve a escola e, principalmente, dentro da sala de aula com sabedoria e passividade, a fim de mediar os muitos conteúdos e as diversas técnicas apreendidas na formação e assim fazer a comunicação a partir da socialização com os alunos diariamente, através da motivação e desempenho profissional que se adquire junto as experiências diárias na escola reconhecendo o espaço de serviço e, evidentemente, os outros, tendo em vista, a concepção do saber conhecer, compreender, ser e saber conviver em contato com a diversidade social.

2 CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR

2.1 Breve Histórico da Escola Estadual Jesus de Nazaré

Nome	Escola Estadual Jesus de Nazaré
Endereço	Av ^a Princesa Izabel s/nº, Jesus de Nazaré
Cidade/Estado	Macapá - AP
E-mail	jesusdenazare@seedap.gov.br
Instituição Mantenedora	Secretaria Estadual de Educação - SEED
Diretora	Rosemeire de Souza Gibson
Professora do Ensino de Artes	Cláudia Maria Guedes Pereira

Fonte: Escola Estadual Jesus de Nazaré (Elizete, 2017).

A Escola Estadual Jesus de Nazaré é uma escola de origem tradicional e fica localizada no bairro Jesus de Nazaré da cidade de Macapá. Ela possui uma estrutura física ampliada e apropriada para atender a sua demanda estudantil crescente, devido às transformações e ao crescimento populacional. A escola oferta

(3) três tipos de modalidades de ensino: o ensino regular o fundamental II (o foco do estágio); o ensino médio regular e o ensino médio técnico e profissionalizante. A instituição conta com instrumentos de regularização legais, tais como: o histórico escolar; o PPP (projeto político pedagógico); ementas, plano de ensino, projetos, ou seja, atos e ações que justificam, promovem e favorecem o ensino no âmbito da educação estadual.

2.2 O Ensino Fundamental II

Ao entrar no ensino fundamental-II, o aluno deverá desenvolver habilidades de adaptação para que tudo ocorra bem em seus estudos. Dessa forma, o professor orienta, auxilia e acompanha o aluno em seu desenvolvimento e adaptações e principalmente, na aceitação de novas disciplinas no processo de ensino e aprendizagem que correspondem ao andamento na vida escolar do estudante.

2.3 O sexto (6º) Ano de Ensino

Por volta dos onze anos de idade, o estudante consegue formular hipóteses acerca dos fatos sociais, podendo fazer referências com as disciplinas que estuda em sala de aula, associando-as à realidade. É a partir do 6º ano de ensino que o aluno inicia uma nova fase, a adolescência, com o despertar dos sentidos e a compreender a realidade no mundo. Nesse sentido, o professor passa a mediar os conteúdos do currículo no processo de ensino para os alunos onde requer contextualizar diversas ações e conhecimento em sua atuação contínua como educador.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS ATIVIDADES REALIZADAS DURANTE O ESTÁGIO

3.1 Observação na sala de aula.

Durante a prática do estágio na sala do sexto ano (6º) ano do ensino fundamental II da turma 611 no primeiro (1º) turno para observar a desenvoltura da professora do ensino de artes (Claudia Guedes) e especificamente em relação a suas ações pedagógicas com os alunos da turma (30 alunos). Logo, percebi nesse contato as minhas ações como professora também.

A professora ministrou um conteúdo do livro didático sob o tema ‘A arte indígena’, com a mediação de textos poéticos e imagens sobre algumas obras e trabalhos como a pintura no corpo dos índios e esculturas como potes, painéis de barro e peneiros feitos de cipó... Após o diálogo da explicação do assunto ela passou uma atividade para os alunos sob o tema da questão: “A partir da compreensão de vocês e de acordo ao conhecimento adquirido através da reflexão da temática sobre a arte indígena, comente ou ilustre como referir o seu aprendizado referente a aula de hoje!” (Prof. Claudia Guedes). Achei muito interessante a abordagem da professora com os alunos da turma 611 naquele primeiro dia de visita na sala de aula.

3.2 A Regência.

Em conversa com a professora Claudia Guedes, disse a ela que eu tinha uma experiência temática para trabalhar com os alunos da referida turma em meu estágio docente durante a minha Regência, logo, ela se manifestou e gostou muito e assim me deixou à vontade para abordar a temática de **“O Pequeno Príncipe: o diálogo entre texto escrito e imagético”**, em minha primeira regência. O outro tema: **“Conhecendo e entendendo Arte e Cultura”**, para abordar na segunda regência com os alunos na turma. Desse modo, foi se prosseguindo meu estágio docente pela turma 611 do sexto (6º) ano de ensino em artes com bastante expectativas e curiosidades em perceber dos alunos o interesse deles, pois eles me receberam muito bem em seu ambiente.

Para Moreira e Candau, 2007: “Nessa perspectiva, é importante articular o aprofundamento teórico com vivências de experiências em que os/as profissionais da educação são convidados/as a se colocar “em situação” e analisar as suas próprias reações”. (MOREIRA e CANDAU, 2007, p. 31). Vale a esse contexto as observações realizadas pelo estagiário direcionadas ao professor da turma durante o estágio, pois é daí que surgirão novas posturas na atuação do futuro estagiário-professor na relação com os alunos dentro do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo a Moreira e Candau, 2007, a regência, portanto, tende-se ao ato de que se:

Constitui um exercício fundamental tornarmo-nos conscientes de nossos enraizamentos culturais, dos processos em que misturam ou se silenciam

determinados pertencimentos culturais, bem como sermos capazes de reconhecê-los, nomeá-los e trabalhá-los. (MOREIRA E CANDAU, 2007, p. 38).

Nesse sentido, a regência ocorre como um exercício prático para o estagiário para que ele venha a sentir a experiência na comunicação com o diálogo e conseqüentemente, a mediação de um conteúdo a se desenvolver a fim de que, ele manifeste a prática ao exercer e atuar em sala como um professor juntamente com seus alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado II (docente) serviu para conhecer a prática pedagógica referente ao ensino de Artes na relação professor e aluno e conseqüentemente, para que se possa entender como funciona o desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem verificado e vivenciado no dia a dia diante a prática docente.

Quanto ao trabalho da professora de Artes (Claudia), ela se esforça para desenvolver uma prática centrada na realidade dos alunos com o que é disponibilizado através dos conteúdos do currículo e do aparato existente como as ferramentas de auxílio e suporte, para assim desenvolver sua prática docente com a intenção de atender a disciplina em prol do ensino direcionado aos 30 alunos do 6º ano da turma 611.

Neste sentido, a atividade de Estágio foi motivadora, pois me permitiu um olhar ao universo da realidade escolar, considerando-se todas suas particularidades no que tange, a postura de um educador suas ações e atitudes e respectivamente, seu dever na sua trajetória docente. Tendo em vista que foi possível descrever esse espaço a partir de um processo de interação com a professora da referida turma e diretamente com os seus alunos.

Evidencia-se, portanto, que o Estágio é uma atividade que traz inúmeras possibilidades de conhecer e aprender sobre os saberes que orientam a prática pedagógica, bem como o tempo e o espaço dentro da sala de aula e da escola nas suas especificidades, realidades e principalmente em relação às expectativas, os anseios e aos desafios enfrentados na atuação do professor, ou seja, a profissão docente, evidentemente, no campo da prática do ensino de Artes e, por fim, nas sucessivas ações pedagógicas no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério – Série Formação do Professor).

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

OLIVEIRA, MariaOliveira de, & HERNÁNDEZ, Fernando (org.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

APÊNDICE – A: FOLDER (1º REGÊNCIA)


ROSEMEIRE GIBSON
DIRETORA DA EEJN

Prof.ª FÁTIMA GARCIA
COORDENADORA DO CURSO DE ARTES VISUAIS

Prof.ª SILVIA CARLA MARQUES COSTA
Prof. JOSÉ DE VASCONCELOS SILVA

ORIENTADORES
ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS
ACADÊMICA

"Cada um que passa em nossa vida passa sozinho, pois cada pessoa é única, e nenhuma substitui a outra. Cada um que passa em nossa vida passa sozinho, mas não vai só nem nos deixa só; leva um pouco de nós mesmos, deixa um pouco de si mesmo. Há os que levam muito mas não há os que não levam nada; há os que deixam muito, mas não há os que não deixam nada. Essa é a maior responsabilidade de nossa vida e a prova evidente de que duas almas não se encontram por acaso."



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
CURSO LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que seja feliz quando a contempla.

Exupéry



ESTÁGIO DOCENTE
ESCOLA ESTADUAL JESUS DE NAZARÉ

A LINGUAGEM VISUAL: O CONTEXTO
IMAGÉTICO NA NARRATIVA DO PEQUENO PRÍNCIPE

MACAPÁ
2017

Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante.

Saint-Exupéry



A LINGUAGEM VISUAL: O CONTEXTO IMAGÉTICO
NA NARRATIVA DO PEQUENO PRÍNCIPE

"Era uma pessoa igual a cem mil outras pessoas. Mas eu fiz dela um amigo, agora ela é única no mundo."


- O pequeno príncipe



A Linguagem visual é o tipo de comunicação que ocorre através de imagens, sons, gestos, expressões e símbolos.

Local de execução do estágio: na Turma 611 no 1º turno do Ensino fundamental II com o acompanhamento e avaliação da professora do ensino de artes Claudia Guedes.

É preciso que eu supere duas ou três linhas se quiser conhecer as belezas



OBJETIVO GERAL

Informar ao aluno noções sobre a linguagem visual, a análise e a compreensão de imagens.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Compreender as necessidades e a importância da observação e da percepção;

Desenvolver mecanismos para a compreensão de imagens;

Despertar um novo olhar nos alunos desenvolvendo a comunicação através da linguagem visual.

APÊNDICE – B: SLIDES (2º REGÊNCIA)



Conhecendo o conceito de Arte e Cultura

Elizete F. dos Santos



ARTE – o que podemos entender por ARTE.

Deste dos tempos pré-históricos, o ser humano constrói *no mundo* as suas próprias coisas.

Ao conjunto de coisas construídas no mundo que se distinguem por revelar capricho, talento, capacidade, perícia, beleza, encanto, graça, perfeição, sensibilidade, eficiência – podemos associar o nome **ARTE**.

Arte

Desse modo, podemos dizer que **ARTE** – é tudo aquilo que representa e manifesta a *expressão* criativa da *humanidade*.

ARTE - onde ela está presente?

- Na música
- Em um romance
- Na pintura
- No poema
- Em um filme
- Na dança

cultura e arte por toda parte





Cultura é o conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização.

Cultura significa todo aquele complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano.

Portanto, fazem parte da cultura de um povo as seguintes atividades e manifestações: música, teatro, rituais religiosos, língua falada e escrita, mitos, hábitos alimentares, danças, arquitetura, invenções, pensamentos, formas de organização social, etc.

Arte e Cultura se processam e transformam a sociedade



Referências

<http://www.infoescola.com/artes/definicao-de-arte>

<https://www.suapesquisa.com/o-que-e-cultura>

<https://www.google.com.br/search?q=imagens>

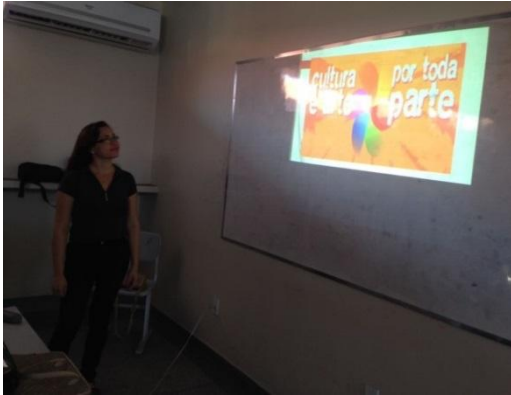
APÊNDICE – C: (PLANO DE AULA)

GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA ESTADUAL JESUS DE NAZARÉ
PROFESSORA REGENTE: ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS
DISCIPLINA: ARTES 6ºANO TURMA/TURNO: 611/ MANHÃ HORÁRIO: 9:40

PLANO DE AULA

TEMA: O Pequeno Príncipe: diálogo entre texto escrito e imagético.
OBJETIVO GERAL: Despertar reflexões através da leitura de imagens no diálogo imagético apresentada na narrativa do livro.
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: Dialogar sobre a comunicação existente entre o texto escrito e o imagético; Despertar um novo olhar nos alunos envolvendo o contexto da linguagem visual; Manifestar a percepção e o pensamento crítico através da leitura e análise de imagens. Conhecer sobre cultura;
EIXO NORTEADOR: leitura de imagem, linguagem visual e cultura.
CONTEUDO PROGRAMÁTICO: A linguagem visual (abordagem ao tema); A comunicação entre os textos escritos e o imagético (imagens e vídeo), Conhecendo e analisando imagens e objetos; Leitura e compreensão de imagens.
RECURSOS DIDÁTICOS: Datashow; Computador; Livro “O Pequeno Príncipe”; pincel; quadro branco; papel A4; folhas de caderno;
AVALIAÇÃO: Instrumentos: produção textual dos assuntos abordados em sala para que o aluno possa compartilhar seu entendimento dos conteúdos com o professor. Critérios: prática na construção de análises das imagens a partir de textos escritos e desenhos através da compreensão dos alunos e exposição dos rascunhos na sala.
METODOLOGIA: Rodas de conversas; Leituras de imagens; Vídeos e exposição do livro na sala; Apresentação do conteúdo de forma dialogada;
REFERÊNCIAS: OLIVEIRA, Maria Oliveira de, & HERNÁNDEZ, Fernando (org.). A formação do professor e o ensino das artes visuais . Santa Maria, Ed. UFSM, 2005.

APÊNDICE – D: FOTOS DA REGÊNCIA



Fonte: Claudia, 2017.



Fonte: Claudia, 2017.



Fonte: Elizete, 2017.



Fonte: Elizete, 2017.



Fonte: Elizete, 2017.



Fonte: Elizete, 2017.



Fonte: Elizete, 2017.



Fonte: Elizete, 2017.

ANEXO – A: PLANO DE ESTÁGIO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DIVISÃO DE ESTAGIO

PLANO DE ESTÁGIO**I- IDENTIFICAÇÃO DO ESTAGIÁRIO**

NOME: Elizete Ferreira dos Santos

CURSO: Artes Visuais

MATRÍCULA: 2014 11790034

ENDEREÇO: Avª Ernestino Borges 1123 Jesus de Nazaré

TELEFONE: (96) 99165-7119

E-MAIL: ferreiraelizete@hotmail.com

II- DADOS DO LOCAL DE ESTÁGIO

NOME DA INSTITUIÇÃO: Escola Estadual Jesus de Nazaré

ÁREA DE ATUAÇÃO: 6º ano do Ensino Fundamental II

SETOR: centro

III- DADOS DO SUPERVISOR:

NOME: Claudia Guedes

CARGO: Professora

FORMAÇÃO: Habilitada em Artes Visuais

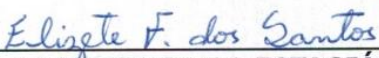
IV- DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES: (em anexo)

V- DISCIPLINAS RELACIONADAS: literatura, artes e língua portuguesa.

VI- DIAS E HORÁRIOS DO ESTÁGIO: realização nos dias de quartas-feiras das 09h e 55min às 11h e 25min.

MACAPÁ-AP, 11 / 10 / 17.


ASSINATURA DO SUPERVISOR


ASSINATURA DO ESTAGIÁRIO

ANEXO – B: FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO (1)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
 COORDENADORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
 DIVISÃO DE ESTAGIO
 CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

I – DADOS PESSOAIS

NOME: ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS	MATRÍCULA: 201411790034	TURNO: VESPERTINO
CURSO: ARTES VISUAIS	DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	SEMESTRE: 8º/ANO: 2017
PROFESSOR ORIENTADOR: VASCONCELOS E SILVIA		

II – DADOS DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR CONCEDENTE

DATA DE INÍCIO DA ATIVIDADE PRÁTICA DO ESTÁGIO: 27/09 a 25/10/2017	DATA DE TÉRMINO DA ATIVIDADE PRÁTICA DO ESTÁGIO: 25/10/2017	HORÁRIO: 09:55 as 11:25 h
ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL JESUS DE NAZARÉ	ENDEREÇO: Avenida Princesa Izabel s/nº Jesus de Nazaré	DADOS DA TURMA: 611 TURNO: 1º
PROFESSOR RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO DO ESTAGIÁRIO: CLAUDIA GUEDES	FORMAÇÃO PROFISSIONAL: HABILITADA EM ARTES VISUAIS	

III- CRITÉRIOS AVALIADOS DA PRÁTICA DOCENTE EM ARTES VISUAIS

ITENS	SIM	ATENDEU PARCIALMENTE	NÃO
1. Conhecimentos Docentes: refere-se ao preparo docente demonstrado no desenvolvimento das atividades programadas (Planejamentos de aula, Recursos didáticos, Metodologia, Conteúdo e Avaliação).	X		
2. Inventividade: Disposição relacional pedagógica entre a metodologia proposta, planejamento, recursos didáticos, conteúdos e os contextos escolares.	X		
3. Inovação: Inter-relações da prática docente com os conhecimentos contemporâneos em artes visuais e cultura visuais e os contextos sociais/culturais/políticos emergentes, tais como classe, gênero, etnia, raça, sexualidade, etc.	X		
4. Diálogos Docentes: refere-se a mobilidade de diálogo estabelecido entre o estagiário com os alunos da instituição escolar, o planejamento e o professor avaliador.	X		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
 COORDENADORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
 DIVISÃO DE ESTAGIO
 CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

IV – AVALIADOR

NOME: Cláudia Maria Guedes Pereira.	FUNÇÃO: Professora
CARGO:	FORMAÇÃO PROFISSIONAL: Licenciatura plena em Artes Visuais

MACAPÁ-AP, 11 / 10 / 17.



ASSINATURA

ANEXO – C: FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO (2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
 PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
 COORDENADORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
 DIVISÃO DE ESTAGIO
 CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

FORMULÁRIO DE AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO

I – DADOS PESSOAIS

NOME: ELIZETE FERREIRA DOS SANTOS	MATRÍCULA: 201411790034	TURNO: VESPERTINO
CURSO: ARTES VISUAIS	DISCIPLINA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO II	SEMESTRE: 8º/ANO: 2017
PROFESSOR ORIENTADOR: VASCONCELOS E SILVIA		

II – DADOS DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR CONCEDENTE

DATA DE INÍCIO DA ATIVIDADE PRÁTICA DO ESTÁGIO: 27/09 a 25/10/2017	DATA DE TÉRMINO DA ATIVIDADE PRÁTICA DO ESTÁGIO: 25/10/2017	HORÁRIO: 09:55 as 11:25 h
ESCOLA: ESCOLA ESTADUAL JESUS DE NAZARÉ	ENDEREÇO: Avenida Princesa Izabel s/nº Jesus de Nazaré	DADOS DA TURMA: 611 TURNO: 1º
PROFESSOR RESPONSÁVEL PELO ACOMPANHAMENTO DO ESTAGIÁRIO: CLAUDIA GUEDES	FORMAÇÃO PROFISSIONAL: HABILITADA EM ARTES VISUAIS	

III- CRITÉRIOS AVALIADOS DA PRÁTICA DOCENTE EM ARTES VISUAIS

ITENS	SIM	ATENDEU PARCIALMENTE	NÃO
1. Conhecimentos Docentes: refere-se ao preparo docente demonstrado no desenvolvimento das atividades programadas (Planejamentos de aula, Recursos didáticos, Metodologia, Conteúdo e Avaliação).	X		
2. Inventividade: Disposição relacional pedagógica entre a metodologia proposta, planejamento, recursos didáticos, conteúdos e os contextos escolares.	X		
3. Inovação: Inter-relações da prática docente com os conhecimentos contemporâneos em artes visuais e cultura visuais e os contextos sociais/culturais/políticos emergentes, tais como classe, gênero, etnia, raça, sexualidade, etc.	X		
4. Diálogos Docentes: refere-se a mobilidade de diálogo estabelecido entre o estagiário com os alunos da instituição escolar, o planejamento e o professor avaliador.	X		



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
DIVISÃO DE ESTAGIO
CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

IV – AVALIADOR

NOME: Cláudia Maria Guedes Pereira	FUNÇÃO: Professora
CARGO:	FORMAÇÃO PROFISSIONAL: Licenciatura plena em Artes Visuais

MACAPÁ-AP, 18 / 10 / 17.

ASSINATURA

ANEXO - D: HISTÓRICO DA ESCOLA

SALA DE SERVIÇO TÉCNICO PEDAGÓGICO	01	
SECRETARIA ESCOLAR	01	Falta mobília e o espaço é pequeno
SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS	01	Espaço inadequado, pequeno;
SANITÁRIOS ADAPTADOS PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA	02	Estão inadequados precisando de reforma
VESTIÁRIOS DOS ESTUDANTES	01	

5.4. Histórico da Escola

A Escola Estadual Jesus de Nazaré, unidade escolar da rede pública estadual de ensino, foi criada pela portaria nº 0030, de 28 de janeiro de 1988, da Secretaria de Estado da Educação, e regulamentada pela Resolução nº 046, de 22 de abril do ano de 2009, do Conselho Estadual de Educação. Localizada na Av. Princesa Isabel, sem número, a Escola homenageia o bairro Jesus de Nazaré, atribuindo-lhe o nome.

Por estar situada na periferia do bairro e ser circunvizinha de áreas de ressaca e de graves problemas sociais, a Escola convive com o risco ambiental, devido a possíveis enchentes em residências, e o social, por conta do tráfico de drogas, grande índice de alcoolismo e violência.

A Escola oferece à comunidade o atendimento aos segmentos e modalidades de ensino, distribuídos em fundamental regular (6º ano, 6ª a 8ª série) e Ensino Médio.

Em 1988, foram implantados a Educação Infantil e as séries iniciais do Ensino Fundamental regular. Em 1995, foi implantada na escola a modalidade do ensino de Educação de Jovens e Adultos – EJA, do Ensino Fundamental, a Alfabetização e o projeto de Aceleração e o Ensino Especial com apenas uma turma. Em 1996 foram iniciadas duas turmas de 5ª série do Ensino Fundamental regular, devido a grande demanda existente no bairro, as outras séries do referido segmento, foram sendo incluídas gradativamente no contexto estrutural da escola.

Inicialmente, a estrutura física da escola contava apenas com 8 (oito) salas de aula, distribuídas em 02 (dois) blocos. Em 12 de agosto de 1994, houve a conclusão de uma pequena reforma e ampliação da unidade de ensino, beneficiando, assim, a comunidade com mais 01 (um) bloco, que corresponde a 04 (quatro) salas, 01 (uma) quadra de esportes com cobertura. Em 1997, a escola ganhou dois ambientes pedagógicos: uma biblioteca e a instalação da Sala da TV escola.

No ano de 2000, a escola foi incluída no reordenamento realizado pela rede estadual de ensino, em que a escola deveria atender somente ao segmento do Ensino Médio Regular e os outros segmentos seriam excluídos gradativamente a cada ano. No entanto, devido a grande demanda dos segmentos do Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série regular e também do Ensino Médio – Educação de

jovens e Adultos – EJA, os referidos segmentos permaneceram na escola. No ano de 2001 foi implantado o novo ensino médio regular.

No ano de 2011, mesmo com uma infra estrutura precária, a Escola adotou o programa do Ensino Médio Inovador, cujo objetivo principal é elevar a qualidade de ensino nessa modalidade, porém devido a demora e a própria falta dos recursos destinados a esse segmento muitos projetos e atividades tiveram dificuldades de ser desenvolvidos.

No ano de 2015 por decisão da NIOE, justificando pouca demanda para matrículas na educação de Jovens e Adultos, a SEED (Secretaria Estadual de Educação) resolveu extinguir o turno da noite.

No início do ano de 2015 não foi possível iniciar as aulas na data estabelecida pela SEED, devidos a graves problemas na estrutura física da Escola, demandando reparos emergenciais para atender o que preconiza na Constituição Federal e na própria LDB, que é a garantia de uma educação pública de qualidade. A partir do ano letivo de 2015 está sendo implementada a matriz curricular do 6º ao 9º ano com alterações nas disciplinas Geografia, História e Ensino Religioso, além de mudança na nomenclatura de “Oficina de Trabalho” para “Estudos Amazônicos e Amapaenses”.

5.4.1 - DOS PRINCÍPIOS E FINALIDADES

A Escola Jesus de Nazaré fundamenta sua ação educativa nos princípios da universalização de igualdade de acesso, da permanência e do sucesso, da obrigatoriedade da Educação Básica e da gratuidade escolar; assim, a proposta é que seja uma Escola comunitária, democrática e participativa, como espaço cultural de socialização e desenvolvimento do/a educando/a, visando também prepará-lo/a para o exercício da cidadania através da prática e cumprimento de direitos e deveres. Além de ser um espaço democrático de acesso ao saber sistematizado, a Escola, a partir de sua prática diária, busca a superação de muitas formas de preconceitos e busca combater qualquer atitude discriminatória. Da mesma forma, a convivência de crianças e jovens de diferentes origens e níveis socioeconômicos, com distintos costumes, vivências, dogmas religiosos e visões de mundo, compõem a diversidade da escola. Portanto, conforme afirma GADOTTI (2006):

A escola integra e articula os novos espaços de formação criados pela sociedade da informação. Ela deixa de ser “lecionadora” para ser cada vez mais “gestora” da informação generalizada, construtora e reconstrutora de saberes e conhecimentos socialmente significativos. Portanto, ela tem um papel mais articulador da cultura, um papel mais dirigente e agregador de pessoas, movimentos, organizações e instituições (GADOTTI, 2006, p.55).

ANEXO – E: MATRIZ CURRICULAR



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
GOVERNO DO ESTADO DO AMAPÁ
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO E NORMATIZAÇÃO DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS
NÚCLEO DE INSPEÇÃO E ORGANIZAÇÃO ESCOLAR

**MATRIZ CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS (Regular e Modular)
6º ao 9º ano**

Início da vigência - 2015

DIAS LETIVOS/ ANUAL	200
DIAS LETIVOS SEMANAIS	05
SEMANAS LETIVAS	40

MÓDULO-AULA	50'	1.000h/a
MÓDULOS/DIA	05	250'
C.H ANUAL	60'	833h

BASE NACIONAL COMUM LEI Nº 9394/96	ÁREA	DISCIPLINAS	ANO / CH SEMANAL				ANO / CH ANUAL				TOTAL CH	
			6º	7º	8º	9º	6º	7º	8º	9º		
	LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS	LÍNGUA PORTUGUESA	4	4	5	5	160	160	200	200	720	
		ARTE	2	2	2	2	80	80	80	80	320	
		ED. FÍSICA	2	2	2	2	80	80	80	80	320	
	CIÊNCIAS NATURAIS E SUAS TECNOLOGIAS	MATEMÁTICA	4	4	4	4	160	160	160	160	640	
		CIÊNCIAS	3	3	3	3	120	120	120	120	480	
	CIÊNCIAS HUMANAS E SUAS TECNOLOGIAS	HISTÓRIA	3	3	3	3	120	120	120	120	480	
		GEOGRAFIA	3	3	3	3	120	120	120	120	480	
		ENSINO RELIGIOSO	1	1	-	-	40	40	-	-	80	
	TOTAL CARGA HORÁRIA BASE NACIONAL COMUM			22	22	22	22	880	880	880	880	3.520
	PARTE DIVERSIFI- CADA	LÍNGUA ESTRANGEIRA		2	2	2	2	80	80	80	80	320
ESTUDOS AMAPAENSES E AMAZÔNICOS		1	1	1	1	40	40	40	40	160		
TOTAL CARGA HORÁRIA PARTE DIVERSIFICADA			3	3	3	3	120	120	120	120	480	
TOTAL GERAL DO CURSO			25	25	25	25	1000	1000	1000	1000	4.000	

- I- A Disciplina Educação Física deverá ser ministrada no mesmo turno em que o (a) aluno (a) está regularmente matriculado (a).
- II- Na Disciplina Estudos Amapaense e Amazônico serão desenvolvidos conteúdos referentes aos Aspectos Históricos, Geográficos, Culturais, Socioeconômicos, Meio Ambiente e Turismo ministrados pelos professores licenciados em História ou Geografia.
- III- Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas Disciplinas de Arte e História (Lei nº10. 639/2003 CNE, Lei nº. 11.645/2008 CNE e Lei Estadual nº. 1.196/08 - GEA).
- IV- Os conteúdos de Música serão trabalhados na Disciplina de Arte (Lei nº 11.768/2008 - CNE).
- V- Os Temas: Saúde e Higiene, Sexualidade, Diversidade Sexual e Gênero, Vida Familiar e Social, Trabalho, Ciência e Tecnologia, Cultura, Linguagens, Ética e Educação no Trânsito serão trabalhados em todos os componentes curriculares de forma interdisciplinar e implementados no Projeto Político Pedagógico de cada escola (Art. 26 da Lei nº 9394/96 - LDB).
- VI- No 1º e 2º turnos, todos os módulos-aulas serão de 50 minutos com 200 dias letivos anual. No 3º turno, os três primeiros módulos terão de 20 minutos e os demais deverão ser de 45 com 208 dias letivos anual (Resolução 040/03- CEF/AP).